

André João Morais Rolo

Violência contra trabalhadoras sexuais



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2017

André João Morais Rolo

Violência contra trabalhadoras sexuais



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2017

André João Morais Rolo

Violência contra trabalhadoras sexuais:

Assinatura do aluno: _____

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa pelo mestrando André João Morais Rolo, como parte integrante dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Cardoso e da Professora Doutora Ana Isabel Sani.

Resumo

A presente dissertação incide sobre a violência contra trabalhadoras sexuais, encontrando-se dividida em dois artigos de investigação. Realizaram-se 20 entrevistas semiestruturadas a mulheres que exercem prostituição em contexto de rua ou de interior. O acesso às participantes foi estabelecido através da colaboração de entidades que trabalhavam no terreno, assim como através do uso da estratégia de “bola de neve”. O primeiro artigo apresenta os resultados de um estudo qualitativo, que procurou caracterizar as representações de violência sofrida pelas trabalhadoras sexuais, considerando os significados atribuídos à mesma, os tipos de violência, e os seus agentes. Todas as participantes verbalizaram que já tinham sofrido algum tipo de violência, contudo foi possível constatar que os significados, o tipo de vitimização e os perpetradores diferiam consideravelmente consoante o contexto de exercício da prostituição. As trabalhadoras sexuais de rua, comparativamente com as de interior apresentavam maior vulnerabilidade à violência física por parte de clientes, assim como insultos verbais e arremesso de objetos por parte da comunidade. Verificou-se também, que a rivalidade entre trabalhadoras sexuais poderia representar uma possível fonte de violência. Apurou-se ainda, experiências de violência prévia ao trabalho sexual, designadamente sobre forma de maus tratos na infância/adolescência e violência doméstica na idade adulta. O segundo artigo, também qualitativo, investigou quais as estratégias que as trabalhadoras sexuais utilizam para se protegerem da violência e da estigmatização. Com os dados obtidos foi possível verificar que as estratégias utilizadas perante a violência são múltiplas e complexas, podendo diferir consoante o contexto da atividade e as dinâmicas entre trabalhadoras sexuais. Quanto às estratégias para lidar com o estigma, estas incidiam na ocultação da atividade.

Palavras – chave: Trabalho sexual; trabalhadoras sexuais; violência; estigmatização

Abstract

This dissertation focuses on violence against sex workers and is divided into two research articles. 20 semi-structured interviews were carried out on women who engaged in prostitution in the street or indoors. Access to the participants was established through the collaboration of entities working in the field, as well as through the use of the "snowball" strategy. The first article presents the results of a qualitative study, which sought to characterize the representations of violence suffered by sex workers, considering the meanings attributed to it, types of violence, and their agents. All the participants stated that they had already suffered some type of violence, but it was possible to verify that the meanings, the type of victimization and the perpetrators differed considerably according to the context of prostitution. Street female sex workers, as compared to indoors sex workers, were more vulnerable to physical violence by clients, as well as verbal insults and throwing of objects by the community. It was also found that rivalry between sex workers could represent a possible source of violence. Previous experiences of violence prior to sex work were also found, namely on maltreatment in childhood / adolescence and domestic violence in adulthood. The second article, also qualitative, investigated the strategies that sex workers use to protect themselves from violence and stigmatization. With the obtained data it was possible to verify that the strategies used in the violence are multiple and complex, and may differ according to the context of the activity and the dynamics among sex workers. As for the strategies to deal with stigma, they focused on concealing the activity.

Keywords: Sex work; sex workers; violence; stigmatization

Índice

Resumo	vii
Abstract	ix
Índice.....	xi
Introdução Geral	1
Artigo I - Violência contra Trabalhadoras Sexuais: Autorrepresentações, Tipologias e Agentes	4
Resumo.....	5
Abstract	6
Resumen.....	7
Introdução	8
Violência Contra Trabalhadoras Sexuais	9
Método	12
Participantes	12
Material.....	13
Procedimento.....	13
Resultados e Discussão	15
Vitimização Prévia ao Trabalho Sexual	15
Violência no Âmbito do Trabalho Sexual	17
Violência por parte de clientes.	17
Violência por parte da comunidade.	19
Violência por parte de outras trabalhadoras sexuais.....	22
Considerações Finais.....	24
Referências	26
Artigo II - Trabalho Sexual: Estratégias de Proteção contra a Violência e Estigmatização	29
Resumo.....	30
Abstract	31
Resumen.....	32
Introdução	33
Estratégias de Proteção contra a Violência e Estigmatização	34
Método	38
Participantes	38
Material.....	39

Procedimento	39
Resultados e Discussão	41
Estratégias Contra a Violência	41
Seleção de clientes.	41
Local.	45
Dinâmicas entre trabalhadoras sexuais.	46
Recurso à violência.	48
Estratégias para lidar com a Estigmatização	49
Ocultação/Divulgação da atividade.	49
Barreiras de defesa pessoais.	51
Racionalizações.	53
Referências	57
Conclusão Geral.....	59
Referências.....	61
Anexos	63

Introdução Geral

Nas últimas décadas a literatura sobre a prostituição tem vindo a apresentar um interesse global pela natureza e extensão da violência contra trabalhadoras do sexo (e.g., Armstrong, 2014; Church et al, 2001; Raphael & Shapiro, 2004), assim como pela avaliação do risco e as estratégias de proteção utilizadas pelas trabalhadoras sexuais (e.g., Dalla, Xia & Kennedy, 2003; Sanders, 2005; Oselin & Blasyak, 2013; Whittaker & Hart, 1996).

A violência figura como uma possível consequência associada à prostituição, tendo-se verificado diferenças consoante o contexto onde a atividade é exercida, verificando-se que os comportamentos sexualmente violentos mais severos surgem primordialmente em contextos de interior, sendo a violência geral mais frequente na prostituição de rua (Farley, et al., 2003; Raphael & Shapiro, 2004). O estudo de Raphael e Shapiro (2004) revelou que as mulheres que se prostituíam em casas destinadas a esse efeito sofriam com mais frequência violência sexual e ameaças com o uso de armas. Similarmente, mediante a análise de 118 incidentes de violência, apurou-se que 25 % das trabalhadoras sexuais tinha sofrido violência física e sexual (Phipps, 2013). Importa mencionar que os comportamentos violentos, não são apenas praticados por clientes, havendo outros agentes, designadamente parceiros íntimos, agentes de autoridade, comunidade, entre outros (Monto, 2004).

Transversalmente, a estigmatização é outro fenómeno que se encontra patente no quotidiano das trabalhadoras sexuais (Oliveira, 2011), sendo mesmo conotada como um dos pontos mais negativos da atividade (Schouten, 2010). Oliveira (2011) considerou o estigma contra profissionais do sexo como “violência encoberta” (Oliveira, 2011, p.229). A autora defende que este tipo de violência abarca comportamentos subtis, que demonstram desprezo e desrespeito, traduzindo-se em: expressões faciais de cariz reprovador, sarcástico ou espanto; demonstração de altivez por parte das pessoas que passam pelas prostitutas; evitar o contacto ocular, virando a cara no sentido oposto; abanar a cabeça como sinal de censura; ou mudar o

trajeto, como por exemplo afastar-se do passeio. A estigmatização também se estende para além do espaço em que decorre o trabalho sexual, atingindo a vida íntima e pessoal da trabalhadora do sexo (Kontula, 2008). A possibilidade de serem descobertas pode resultar em consequências pessoais graves, podendo emergir por parte da trabalhadora sexual a necessidade de ocultação da atividade (Sallmann, 2010), tornando-se essencial o sigilo profissional.

De modo a fazer face à violência e estigmatização, as trabalhadoras sexuais desenvolvem várias estratégias, sobretudo preventivas. No que respeita a violência, a maioria das estratégias dizem respeito a processos de triagem que as trabalhadoras que realizam em locais públicos junto dos clientes para determinar a sua confiabilidade (Armstrong, 2014). Recorrendo a uma amostra de 50 trabalhadoras sexuais, das quais 45 em contexto de interior, Sanders (2005) identificou quatro tipos de medidas de protecção gerais contra a violência: triagem permitindo realizar uma seleção dos clientes; precauções, que são comportamentos (a maioria inconscientes), adoptados pelas trabalhadoras do sexo, visando minimizar situações com potencial para agressão; práticas dissuasoras, que envolvem a trabalhadora do sexo confrontar o cliente alertando-o para as consequências caso se torne agressivo (e.g., dizer que se continuar a insistir num determinado comportamento um chulo vai aparecer); e protecção/confronto físico, que acontece quando as estratégias anteriores falham.

Quanto às estratégias para lidar com a estigmatização, estas remetem sobretudo para ocultação da atividade. É importante entender as emoções que as trabalhadoras do sexo experienciam no trabalho sexual, e subsequentemente as estratégias desenvolvidas para controlar e prevenir danos psicológicos e emocionais (Sanders, 2005). Assim como os estudos gerais sobre o estigma demonstram que as tentativas de ocultação da condição estigmatizante esgotam os recursos mentais dos indivíduos custando-lhes uma quantidade enorme de energia (Miller, 2005), o mesmo verifica com as investigações que associam o

estigma ao trabalho sexual (Whitaker, Ryan, & Cox, 2011).

Através dos resultados obtidos com esta investigação pretende-se contribuir para um aumento do conhecimento sobre esta temática, nomeadamente no domínio da vitimização sofrida por parte das trabalhadoras sexuais, bem como nas estratégias de proteção utilizadas contra a violência e estigmatização, tendo em conta os poucos estudos realizados a nível nacional.

Para tal, a presente dissertação não assume o formato tradicional, tendo-se optado pela elaboração de dois artigos científicos. Paralelamente trata-se de investigações qualitativas de carácter descritivo, exploratório e transversal, no qual a análise dos dados é realizada tendo por base a abordagem da Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1967). No que concerne os objetivos, o primeiro artigo procura caracterizar as representações de violência sofrida pelas trabalhadoras sexuais, considerando os significados atribuídos à mesma, os tipos de violência, e os seus agentes. O segundo artigo procura compreender quais as estratégias usadas por trabalhadoras do sexo para lidar com a violência e com a estigmatização experienciadas no âmbito do exercício da sua atividade. A construção dos artigos foi organizada em quatro domínios: Introdução, método, resultados/discussão, e considerações finais. A introdução apresenta uma revisão teórica sobre o tema, designadamente a violência contra trabalhadoras sexuais e as estratégias de proteção contra a violência e estigmatização. A segunda parte remete para o método, nomeadamente, a caracterização dos participantes, do material utilizado, e dos procedimentos usados na recolha e análise de dados. Seguidamente os resultados são apresentados e discutidos. Por último, os artigos encerram com uma síntese dos resultados obtidos, limitações, e sugestões para investigações futuras, assim como para a prevenção e intervenção neste domínio.

Artigo I

Violência contra Trabalhadoras Sexuais: Autorrepresentações, Tipologias e Agentes

Resumo

Apesar da violência contra trabalhadoras sexuais constituir um fenómeno transversal entre as culturas e sociedades, poucas investigações têm sido desenvolvidas junto desta população. O presente estudo teve como objetivo principal avaliar as representações de violência sofrida pelas trabalhadoras sexuais, considerando os significados atribuídos à mesma, os tipos de violência e os seus agentes. Nesse sentido, foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas a mulheres que exercem prostituição em contexto de rua ou de interior, tendo o acesso às participantes decorrido quer através do uso da estratégia de “bola de neve”, quer da colaboração de entidades que informaram da existência do estudo. Quer o trabalho campo, quer a análise dos dados recolhidos, permitiu-nos constatar que as autorrepresentações da violência, o tipo de vitimização e os perpetradores diferem consideravelmente consoante o contexto de exercício da prostituição. As trabalhadoras sexuais em contexto de rua, comparativamente às de interior, apresentam maior vulnerabilidade à violência física por parte de clientes, bem como são mais frequentemente alvo de comportamentos discriminatórios e ofensivos (insultos verbais e arremesso de objetos) por parte da comunidade. Paralelamente, verificou-se que, em ambos os contextos, as dinâmicas entre trabalhadoras sexuais poderiam representar uma fonte de violência, em grande parte devido à rivalidade. Foram ainda documentadas experiências de violência prévia à prestação de serviços sexuais, especificamente maus tratos na infância/adolescência e violência doméstica na idade adulta.

Palavras – chave: Trabalho sexual; trabalhadoras sexuais; violência

Abstract

Although violence against sex workers is a transversal phenomenon among cultures and societies, few investigations have been conducted with this population. The main objective of this study was to evaluate the representations of violence suffered by female sex workers, considering the meanings attributed to them, types of violence and their agents. In this sense, 20 semi-structured interviews were carried out on women who engaged in prostitution in the context of the street or indoor, with access to participants either through the use of the "snowball" strategy or through the collaboration of entities that reported the existence of the study. Both the fieldwork and the analysis of the data collected allowed us to note that self-representations of violence, type of victimization and perpetrators differ considerably depending on the context of prostitution. Female sex workers in the street context, compared to the indoors, are more vulnerable to physical violence by clients, as well as being more often the target of discriminatory and offensive behavior (verbal abuse and throwing of objects) by the community. In parallel, it was found that in both contexts, the dynamics among sex workers could be a source of violence, largely due to rivalry. Previous experiences of violence prior to the provision of sexual services, specifically maltreatment in childhood / adolescence and domestic violence in adulthood, were also documented.

Keywords: Sex work; sex workers; violence

Resumen

A pesar de la violencia contra las trabajadoras sexuales constituyen un fenómeno cruce entre las culturas y sociedades, pocas investigaciones se han desarrollado con este grupo. Este estudio tuvo como objetivo evaluar las representaciones de la violencia experimentada por los profesionales del sexo, teniendo en cuenta los significados que se le atribuyen, los tipos de violencia y sus agentes. En este sentido, hubo 20 entrevistas semiestructuradas con mujeres que ejercen la prostitución en el contexto de la carretera o en el interior, con acceso a los participantes pasaban ya sea a través del uso de la estrategia de "bola de nieve" o la colaboración de entidades que informó de la existencia de estudio. Si el campo de trabajo o el análisis de los datos recogidos nos permitió ver que las auto-representaciones de la violencia, el tipo de victimización y los autores difieren considerablemente en función del ejercicio de la prostitución contexto. Los profesionales del sexo en la calle contexto compararon el interior, son más vulnerables a la violencia física por parte de los clientes, y más a menudo son blanco comportamientos verbales (insultos y lanzamiento de objetos) discriminatorias y ofensivas de la comunidad. De forma paralela, se encontró que, en ambos contextos, la dinámica entre los trabajadores sexuales podría representar una fuente de violencia, en gran parte debido a la rivalidad. También se documentaron experiencias de violencia antes de la prestación de servicios sexuales, específicamente el maltrato infantil / adolescencia y la violencia doméstica en la edad adulta.

Palabras-clave: Trabajo sexual; trabajadoras sexuales; violencia

Introdução

A prostituição pode ser entendida como a prática de sexo pago, maioritariamente exercida por mulheres, de um modo consciente, sendo prestados serviços sexuais aos clientes, tendo como contrapartida dinheiro ou bens (Popoola, 2013; Vanwesenbeck, 2013). O termo trabalho sexual tem vindo a ganhar protagonismo face ao termo prostituição, visto manifestar um significado menos pejorativo e estigmatizante (WHO, 2012), facto que justifica que a partir de agora passemos a utilizar a expressão trabalhadoras sexuais. O trabalho sexual é comumente dividido entre aquele que pode ocorrer em espaços públicos e, aquele que pode ser realizado em contexto abrigado ou espaços interiores (Raphael & Shapiro, 2004).

A violência contra os trabalhadores do sexo, particularmente mulheres, tem-se revelado um tópico que tem chamado a atenção de investigadores de várias culturas e países (Armstrong, 2014; Nixon et al., 2002; Oliveira, 2004; Popoola, 2013; Surratt, Kurtz, Weaver, & Inciardi, 2004). As trabalhadoras do sexo são uma população particularmente vulnerável na experiência de violência, sendo que, diferentes formas de vitimização vivenciadas por mulheres envolvidas na prostituição têm sido bem documentadas (Dalla, Xia & Kennedy, 2003; Li, 2013; Raphael & Shapiro, 2004). Em muitos aspetos, a vitimização surge associada à estigmatização e subsequente marginalização (Armstrong, 2016; Koken, 2012). Em Portugal, apesar da despenalização do crime de prostituição, esta atividade encontra-se fortemente estigmatizada, particularmente a prostituição de rua, facto que posteriormente se reflete nos comportamentos violentos dos quais estas mulheres são alvo (Oliveira, 2004).

O alcance e profundidade da vitimização que estas mulheres sofrem é amplo e diversificado, mas ainda assim podem-se apontar as formas de violência mais comumente reconhecidas nesta população: o abuso na infância/adolescência, o tráfico de mulheres, os problemas de saúde sexual e mental, e a violência (Matthews, 2015).

Pretende-se com este trabalho contribuir para um melhor conhecimento da temática da

Prostituição, designadamente no âmbito da violência que lhe está associada, tendo em conta que os poucos trabalhos desenvolvidos. Assim, partindo de uma breve revisão da literatura, desenvolvemos um estudo de carácter descritivo, exploratório e transversal. Este estudo tem como objetivo principal caracterizar as representações de violência sofrida pelas trabalhadoras sexuais, considerando os significados atribuídos à mesma, os tipos de violência, e os seus agentes.

Violência Contra Trabalhadoras Sexuais

Os estudos realizados indicam a existência de violência, no decurso da prestação de serviços sexuais, manifestada sob várias formas, nomeadamente: física, psicológica, sexual e económica (Karamouzian et al., 2016; Nixon et al., 2002; Pyett & Warr, 1999).

A violência dirigida para as prestadoras de serviços sexuais é proveniente de vários agentes, incluindo, maioritariamente clientes (Ulibarri et al., 2014), parceiros íntimos/companheiros (Raphael & Shapiro, 2004), chulos (Sanders, 2004), seguranças, proprietários de estabelecimentos e/ou casas (Wojcicki & Malala, 2001), profissionais que exercem actividades junto destas mulheres (e.g., polícias, assistentes sociais etc.) (Popoola, 2013), outras trabalhadoras sexuais (Oliveira, 2011) e comunidade (Armstrong, 2016).

Surratt e colaboradores (2004), recorrendo a uma amostra de 325 prostitutas da cidade de Miami (Estados Unidos da América), verificaram que durante o ano prévio à investigação, 41.5 % havia tido encontros violentos com clientes, 28.9 % tinham sido roubadas, 24.9 % fisicamente agredidas, 13.8 % ameaçadas com armas, e 12.9 % violadas. Por sua vez, a investigação transnacional conduzida por Farley e colaboradores (2003) em cinco países (África do Sul, Tailândia, Turquia, Estados Unidos da América e Zâmbia), com 475 trabalhadores sexuais, a maioria mulheres, documentou que 73 % sofreram agressões físicas, 68 % ameaças com arma e 62 % foram vítimas de violação. Em Portugal, a investigação

realizada por Oliveira (2004) na cidade do Porto, com prostitutas de rua ($n=41$), demonstrou que 80.5 % das participantes experienciou algum tipo de violência, que incluiu, por ordem decrescente de incidência: 87.9 % violência verbal, 75.8 % violência física, 60.6% roubos, e 45.5% violência sexual.

Vários estudos salientam que as trabalhadoras sexuais encaram a violência, assim como a estigmatização e a discriminação, como aspectos normais e intrínsecos à prática da prostituição, ou seja, as experiências de violência, incluindo agressões físicas e sexuais, frequentes e repetidas, são assumidas como expectáveis (Nixon et al., 2002; Sallmann, 2010). Complementarmente, as participantes do estudo de Sanders (2004) reportaram que recuperariam de danos físicos, ao contrário de outros riscos, enquanto que na investigação de Wong, Holroyd, e Bingham (2011), as prestadoras de serviços sexuais revelaram estar dispostas a aceitar maus tratos por parte de clientes desde que fossem pagas, facto que acentua ainda mais o significado de transacção comercial associado à prática de prostituição.

Segundo Sanders (2004), o impacto emocional negativo pode estar associado a três fatores: as dificuldades na separação entre o sexo enquanto trabalho e o sexo na esfera pessoal íntima, os riscos associados à “possibilidade de ‘ser descoberta’ e trabalhar ‘como prostituta’” (Sanders, 2004, p. 566), e o potencial fracasso das estratégias de gestão emocional. Kramer (2004) reportou que das 119 mulheres que entrevistou, 76 % relatou que o trabalho sexual era emocionalmente doloroso, enquanto 52 % referiu ser fisicamente doloroso, o que é revelador do maior enfoque dado às consequências emocionais associadas à prestação de serviços sexuais.

É comum a literatura científica sobre a violência no trabalho sexual, associar diferentes tipos de violência ao contexto no qual a atividade é exercida (Katsulis, Durfee, Lopez, & Robillard, 2014). O contexto (ou seja, locais de solicitação e prestação de serviços sexuais) pode acentuar ou reduzir o risco de violência contra aqueles que prestam serviços

sexuais (Sanders, 2004).

Church e colaboradores (2001), demonstraram que a prostituição em espaços públicos ($n=115$) apresentava prevalências mais elevadas de violência física, comparativamente com a prostituição em contexto de interior ($n=125$): bofetadas, murros, pontapés (54 % - 17%, respetivamente), espancamento (31% - 1%), estrangulamento (23 % - 7%). No que respeita à violência sexual, a prostituição de rua também era responsável por valores mais altos: sexo oral forçado (20 % - 4%) e violação vaginal (25 % - 2 %), exceto no que concerne à violação anal, que apresentava uma maior incidência no contexto de interior (6 % - 8%). Já o estudo de Raphael e Shapiro (2004), identificou que a prostituição da rua ($n=101$) e em casas onde ocorria o consumo de drogas ($n=45$) estavam associadas a prevalências mais elevadas, tanto na violência física: esbofetada (86.1 %), esmurrada (70.3 %), puxar o cabelo (66.3 %), pontapeada (43.6%); como na violência sexual: inserção de objectos ou digital (66.7 %) e violação (66.7%). Em contexto de interior, mais concretamente, no âmbito das danças exóticas ($n=28$), comportamentos como ser beliscada (34.9 %) e alvo do arremesso de objetos (62.8 %) apresentaram maior preponderância. Por sua vez, Farley e colaboradores (2003), com uma amostra de trabalhadoras sexuais da África do sul ($n=68$), verificaram igualmente diferenças entre as mulheres que se prostituíam na rua ($n=43$) e as que trabalhavam em contexto de interior ($n=25$), designadamente, maior frequência de violência física em locais públicos e maior prevalência violência sexual, especialmente violações, em espaços de interior. Recentemente, Teixeira e Oliveira (2016), com uma amostra de 52 trabalhadoras sexuais da cidade do Porto, constataram que 46.2% apresentava ideação suicida e 44.2% tinha efetuado pelo menos uma tentativa de suicídio. Nesta amostra 94.2% relatou ter experienciado pelo menos uma forma de violência.

Apesar destes dados Katsulis e colaboradores (2014) defendem que, embora existam vários estudos sobre a violência no local de exercício do trabalho sexual, ainda não estão

completamente classificadas as circunstâncias que tornam determinados contextos e profissionais do sexo mais vulneráveis à ocorrência de violência, bem como, quais os fatores específicos, relacionados com o contexto social da violência, que podem influenciar a exposição à mesma. Pretendendo contribuir para a explicação das dificuldades no estudo desta temática, O'Doherty (2011), refere a existência de problemas metodológicos, tais como diferentes formas de amostragem, conceptualizações heterogêneas ou mesmo diferenças na linguagem usada para descrever as formas de violência e os contextos de prostituição. Defende ainda que a venda de sexo, não pressupõe diretamente a existência de violência.

Em suma, a associação entre o trabalho sexual e a vitimização por violência, denota que existe uma maior frequência e diversidade de comportamentos violentos no contexto de rua (e.g., Katsulis et al., 2014; Surratt et al., 2004), do que no âmbito de prostituição abrigada (e.g., Farley et al., 2003; Raphael & Shapiro, 2004), sendo que no contexto de interior a violência tende a ser maioritariamente de cariz sexual e a apresentar maior severidade (Church et al, 2001; Farley et al., 2003).

Método

Participantes

Para a realização desta investigação recorreu-se a uma amostra constituída de forma intencional, tendo na seleção dos participantes sido considerados os seguintes critérios de inclusão: os participantes exercerem atividade como trabalhadoras sexuais, no contexto de rua e/ou interior; serem do sexo feminino; terem idade igual ou superior a 18 anos; residirem em território português, independentemente da naturalidade; terem capacidade de compreender e comunicar em português.

Participaram neste estudo um total de 20 trabalhadoras sexuais (dez em contexto de rua e dez em contexto de interior), com idades compreendidas entre os 27 e os 42 anos. A

maioria das participantes apresenta nacionalidade portuguesa, existindo quatro mulheres de nacionalidade brasileira. Todas as participantes neste estudo eram trabalhadoras sexuais independentes, isto é, exerciam a atividade sem ninguém vigiar ou controlar o trabalho sexual.

Material

Para a realização desta investigação recorreu-se ao método do inquérito, suportado pela técnica da entrevista. Foi elaborada uma entrevista semiestruturada, suportada na revisão de literatura, tendo como principal objetivo explorar o tema da violência contra trabalhadoras sexuais, estando dividido em quatro domínios. Os dois primeiros domínios contêm questões relativas à caracterização sociodemográfica. O terceiro domínio remete para a violência contra as trabalhadoras sexuais, no qual explora-se os significados referentes à autorrepresentação da violência e à experiência pessoal de vitimização. No quarto domínio, pretende-se abordar as crenças e atitudes relativas ao trabalho sexual, tendo este domínio questões abertas relativas ao estigma do trabalho sexual. As últimas perguntas têm como objetivo o fecho da entrevista. Importa salientar que os dados obtidos derivaram de questões abertas, sendo que para a realização deste artigo analisou-se sobretudo as respostas referentes ao terceiro e quarto domínio.

Procedimento

O presente estudo foi submetido para apreciação da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, tendo o mesmo obtido parecer favorável à sua concretização. Assim, avançou-se para a planificação da investigação, tendo-se para o efeito solicitado apoio a algumas organizações não-governamentais que têm como missão intervenções orientadas para a redução de danos em populações de trabalhadoras sexuais. Neste estudo, as incursões no terreno com as equipas que prestam apoio a trabalhadoras sexuais permitiu ir desenvolvendo uma proximidade que viria a facilitar a posterior realização das entrevistas. A

maioria das entrevistas teve lugar no local em que as mulheres prestavam os serviços sexuais ou nas imediações, sendo que, quando tal não era possível, agendava-se outro local e hora.

O consentimento informado foi obtido de forma oral, tendo sido explicados os objetivos do estudo, e garantida a confidencialidade das informações prestadas. Foi também solicitado às participantes autorização para a entrevista ser gravada em formato áudio, recorrendo-se a um nome fictício, de forma a garantir o anonimato. As participantes foram igualmente informadas que podiam recusar responder a qualquer pergunta, assim como abandonar a entrevista se assim o desejassem.

Concomitantemente, todas as entrevistas realizadas foram gravadas em formato áudio, tendo sido transcritas na sua íntegra. Posteriormente utilizou-se a abordagem da Grounded Theory (Charmaz, 2006; Glaser & Strauss, 1967) para se proceder à análise dos dados. No âmbito desta investigação a codificação dos dados das entrevistas seguiu a abordagem de duas fases proposta por Charmaz (2006). A primeira fase envolveu uma codificação inicial de cada linha, sendo que, os códigos iniciais tinham um carácter provisório. A segunda fase utilizou os códigos iniciais, de forma a integrar e organizar os dados categoriais gerais.

Durante a codificação inicial das primeiras entrevistas o objetivo foi permanecer aberto a todas as direcções teóricas possíveis que emergiam da análise dos dados. Nesse sentido os dados foram codificados linha a linha, permitindo que fossem formulados conceitos gerais. Os conceitos que foram identificados nas entrevistas iniciais serviram para reestruturar o guião da entrevista semiestruturada. Imediatamente foi possível identificar vários tipos de violência, assim como diversos significados a este atribuídos.

Posteriormente, o processo de análise dos dados ocorreu em simultâneo com a recolha de dados, possibilitando constantes comparações de cada categoria. Por último, relacionaram-se as categorias com as subcategorias, reorganizando a codificação inicial, de forma a dar coerência à análise emergente, até se atingir a saturação teórica. Obteve-se assim duas

categorias gerais, designadamente: vitimização prévia ao trabalho sexual e violência no âmbito do trabalho sexual. No que respeita a vitimização prévia ao trabalho sexual, incluiu-se a vitimização na infância/adolescência e na idade adulta. No que concerne a violência no âmbito do trabalho sexual, optou-se por agrupar as autorrepresentação da violência, assim como os tipos de violência de acordo com os agentes perpetradores da violência.

Resultados e Discussão

Vitimização Prévia ao Trabalho Sexual

Muitas das mulheres que sofreram violência durante o seu envolvimento na prostituição também foram alvo de violência e abuso enquanto crianças, havendo alguns estudos que associam o abuso sexual à entrada na prostituição (Farley et al., 2003; Raphael & Shapiro, 2004). Nesta investigação quatro mulheres verbalizaram que haviam sido vítimas de maus tratos durante a infância/adolescência. Uma trabalhadora sexual referiu ter sido alvo de comentários racistas durante o período em que frequentou a escola:

“Foi violência verbal, racismo. Mas ultrapassei isso. Não conseguia lidar com isso, porque é assim, a minha mãe é negra e o meu pai era branco. Portanto, era a minha mãe e o meu pai, eu nunca ouvi chamarem nomes ali dentro de casa, fui educada nesse sentido de aceitar a pessoa como ela é. Claro que vou para a escola com 6 aninhos levo aquele choque ali. Mas sempre consegui ultrapassar isso, as pessoas é que não tinham noção do que estão a dizer ou pronto.” [E-1]

Três trabalhadoras sexuais mencionaram um passado de punições e agressões físicas perpetradas pelos progenitores. Uma trabalhadora sexual de rua relatou:

“Batia-me [a progenitora]. Eu chegava a ir para a escola negra (...) Com a vassoura, colheres de pau, chegar-me com um pau de marmeleiro. Era só porque ela cismava e portanto, eu também não era flor que se cheirasse [risos] mas não era preciso chegar

a tanto” [E-3].

Outra mulher verbalizou ser a tia a responsável pelas agressões: *“Bofetadas, chineladas. Magoava-me. Era assim, quando vinha da escola ia na casa dela [tia]. Obrigava-me nas limpezas (...) Tinha a mania de lhe coçarem as costas. Passava horas naquilo.”* [E-8].

No que respeita a outros tipos de violência, três mulheres verbalizaram que haviam sido vítimas de violência doméstica durante a idade adulta: *“O meu marido era muito violento. Foram alguns anos de violência. Consegui o divórcio, consegui separar”* [E-14]; *“Sofri um bocadinho com ele [ex-marido]. Violência doméstica. Não quero falar mais disso.”* [E-9].

Um dos aspetos amplamente discutidos na literatura diz respeito à violência prévia à prestação de serviços sexuais, particularmente os maus tratos na infância/adolescência. Nixon e colaboradores (2002), verificaram que 30 entrevistadas (91 % da amostra), relataram história de abuso, a maioria sexual, durante a infância. Também Dalla e colaboradores (2003) apuraram que, cerca de 74% das participantes no estudo desenvolvido pelos autores havia sido vítima de abuso sexual na infância, 14 % de abuso físico, tendo 21 % reportado violência doméstica.

Embora os resultados deste estudo não manifestem uma elevada prevalência de vitimização prévia ao exercício do trabalho sexual, importa não menosprezar estas experiências negativas visto poderem ter impactos significativos no percurso de vida destas mulheres. Neste trabalho não apurámos que alguma trabalhadora sexual tenha sido vítima de abuso sexual, contrariando os resultados de outros estudos que associam o abuso sexual na infância com a entrada na prostituição (e.g., Raphael & Shapiro, 2004). Têhâmos em consideração que determinados eventos traumáticos, podem funcionar como fator de vulnerabilidade para determinadas experiências. Apesar de a literatura enfatizar o impacto do

trauma sexual como um fator para o envolvimento no trabalho sexual (Karamouzian et al., 2016), a entrada não é linear, podendo ser esporádica ou transitória, de curta ou longa duração, acontecendo as mulheres entrarem e saírem da atividade consoante necessidades específicas (Armstrong, 2014).

Violência no Âmbito do Trabalho Sexual

Violência por parte de clientes.

A violência perpetrada por clientes foi percebida pelas trabalhadoras sexuais como um dos principais riscos associados à prestação de serviços sexuais. No que concerne a violência física, cinco trabalhadoras sexuais de rua verbalizaram que tinham sido agredidas por clientes: *“Eu entrei com um cliente a um quarto para as cinco da tarde. Eu sai dali de dentro, sozinha, com as mãos marcadas no pescoço, era sete e meia da noite e com uma nódoa negra do tamanho da perna.”* [E-4]. Outra mulher, a oferecer os seus serviços sexuais em contexto exterior, descreveu um encontro da seguinte forma:

“Quando nos metemos dentro de um carro, nunca sabemos ao certo o que vai acontecer. Já aconteceu um cliente trancar a porta do carro, começar a agarrar... e a dar murros. Como eu mal tinha entrado, não fui de meias medidas, comecei a gritar. A bater no vidro e nele. Era época de verão, fim da tarde, ainda via-se algumas pessoas na rua. Acabou por abrir a porta e empurrou-me. Bati com o corpo na rua.” [E-11].

Algumas trabalhadoras sexuais referiram não ser pagas após o serviço sexual. Por exemplo, uma trabalhadora de interior relatou: *“Há situações que acontecem. Nós acordamos determinados serviços. Em que eu faço e eles não querem pagar. Não há nada que se possa fazer. Tem que se ter sempre cuidado.”* [E-16]. Algumas mulheres mencionaram a ocorrência de serviços sexuais não previamente acordados: *“Às vezes obrigam-me a fazer coisas que*

não queria. Já me aconteceu várias vezes (...) Sexo anal sem preservativo, desse gênero.” [E-13].

Relativamente a outros tipos de comportamentos percebidos como violentos, duas trabalhadoras sexuais de interior referiram ter sofrido violência psicológica. Em ambos os casos, os clientes ameaçaram divulgar que as entrevistadas eram prostitutas:

“Fui ameaçada por um cliente. Queria mais alguma coisa que não foi acordada. Começou a mentir a dizer que conhecia a minha família e que ia dizer, contar. Começou-me a querer fazer violência psicológica. Viu-se perfeitamente que não conhecia ninguém e não deixei que isso me afetasse (...) Mas no fundo, eu armei-me em forte, mas fica sempre a dúvida se ele conhece ou não. E para mim isso é a maior violência.” [E-14].

Outras mulheres, também trabalhadoras sexuais de interior, referiram a postura e a forma de trato dos clientes como expressando violência *“Certos clientes são violentos, as maneiras que aplicam, os modos grosseiros. Eles podem pensar que não, mas também é violência.” [E-16].* Uma trabalhadora sexual mencionou especificamente o conteúdo ofensivo das conversas ocorridas via telefone com os clientes:

“Você sente assim a dignidade esfaqueada sabe? O jeito de falar também pelo telefone dói. ‘Quanto é que tu leva?’ (...) Isso é um idiota. ‘Qual que é o teu preço?’ ah o meu preço é muito valioso. Isso pior ainda sabe?” [E-5].

Uma outra trabalhadora sexual de rua relatou ter sido perseguida por um cliente fora do âmbito do trabalho sexual:

“Já vivi uma situação que o cliente não me largava da mão. Perseguiu-me pra todo o lado. Perseguiu-me até casa, chegou a perseguir-me até ao centro comercial. (...) Fui com a minha mãe ao centro comercial e com os meus filhos e ele a fazer adeus e a chamar a minha filha. Cheguei cá fora, fingi que estava a fumar um cigarro e

perguntei-lhe, queres alguma coisa? Entre dentes, lógico, para não dar a entender, 'Deixa-me ir passear com a tua filha', eu, 'peço desculpa'. 'Merda de mãe sou eu se deixar a minha filha ir nas tuas mãos, entras numa porta saís na outra'." [E-4]

Vários estudos apontam que a maioria das trabalhadoras sexuais tende a sofrer algum tipo de violência por parte clientes (Katsulis et al., 2014; Raphael & Shapiro, 2004; Ulibarri et al., 2014). Em Portugal, 78.1 % das participantes do estudo de Oliveira (2004) sinalizaram os clientes como os principais agressores. Já na investigação de Pyett e Warr (1999) todas as entrevistadas (n=24) envolvidas em trabalho sexual de rua tinham sido expostas a riscos frequentes e consideráveis de violência, por parte de clientes, tendo experienciado pelo menos uma agressão grave.

Apesar de a maioria das participantes não ter experienciado episódios de violência severa por parte de clientes, várias mulheres afirmaram conhecer outras trabalhadoras sexuais que que haviam sido alvo de violência: *"Pessoalmente, ou por sorte ou então não sei, nunca me aconteceu nada de violento. Mas conheço raparigas que já ficaram com a cara desfeita. Acho que é das coisas mais horríveis."* [E-20].

Violência por parte da comunidade.

A violência perpetrada por pessoas comuns da população geral foi identificada pelas trabalhadoras sexuais de rua como sendo aquela que resultava num impacto mais negativo, sendo exercida sob as formas de violência física, verbal e psicológica, e incluindo manifestações tais como o arremesso de objetos e mesmo assaltos.

Os insultos verbais foram descritos pelas trabalhadoras sexuais como a forma de violência mais comum e frequente: *"É tudo e mais alguma coisa. Quando é nomes também chamo o mesmo. Portanto respondo pela mesma moeda. Passam por aqui indivíduos, não têm respeito por ninguém. Eu estou a trabalhar"* [E-10]. Algumas mulheres referiram que as ofensas verbais por vezes são exercidas por um grupo de pessoas: *"Não se lida mesmo. Não*

dá para lidar com pessoas assim. Chegam a ser grupos de 4 ou 5 só para enxovalhar. Param e fazem larachas e dizem coisas que... Pronto! Bocas porcas, digamos assim” [E-4]; “Sim isso também. Só que isso uma pessoa dá o desconto, são putos novos que querem gozar, por assim dizer. Era bem feita que um dia fosse a mãe de um deles aqui” [E-18].

Os insultos verbais, tal como outras atitudes e comportamentos discriminantes, resultam e traduzem a estigmatização que se encontra associada ao trabalho sexual. Apesar da crescente tendência para a substituição do termo prostituição por trabalho sexual, que não denota a mesma carga cultural pejorativa, a investigação revela que o estigma associado a esta atividade persiste (Koken, 2012). As mulheres que trabalham nesta atividade referem, por regra, a estigmatização como um dos aspetos mais desagradáveis do trabalho sexual (Popoola, 2013). Numa investigação realizada por Popoola (2013), 76% das trabalhadoras sexuais identificaram a violência social/estigmatização como um dos aspetos mais graves e perniciosos associado à prestação de serviços sexuais. A estigmatização pode ter efeitos negativos sobre o bem-estar psicológico das trabalhadoras sexuais, como podemos constatar no seguinte relato de uma trabalhadora sexual de rua:

“Sinto abaixo de cão, completamente. Porque eu sei aquilo que valho e sei que tou aqui pelos meus filhos. Amandam a nossa autoestima muito abaixo. Porque nós já sabemos o trabalho que temos e aquilo que somos. A palavra prostituta já diz tudo. E eles ainda virem para aqui enxovalharem mais um bocado ainda custa, claro que sim” [E-4]

A comunidade tende a exercer, com alguma frequência, violência verbal contra as trabalhadoras sexuais, podendo, no entanto, ocorrer outros tipos de violência, nomeadamente a física (Armstrong, 2016). Nesta investigação uma mulher verbalizou “ *Eu levei uma surra de uma senhora. Ela não gostou, ela não queria que eu tivesse ali, junto da casa dela. Aí ela esmurrou mesmo, empurrou (...) Ela armou circo. Foi horrível. Me senti mal” [E-17].* Visto

que a identidade de trabalhadoras sexual apresenta maior visibilidade nas mulheres que oferecem os seus serviços em contexto de rua, estas são confrontadas com mais comportamentos discriminatórios por parte da população geral (Oliveira, 2011).

As trabalhadoras sexuais de rua verbalizaram ainda, outros comportamentos violentos, particularmente arremesso de objetos e assaltos. Relativamente ao arremesso de objetos constitui um comportamento, sinalizador de desrespeito e desqualificação, que se coloca às trabalhadoras sexuais a exercerem em contexto de rua: “... *aqui algumas das vezes. Por exemplo chegou a passar aqui um carro com vários rapazes amigos a amandarem água para cima.*” [E-9]. Os objetos arremessados foram maioritariamente, pedras e garrafas de água, bem como grandes quantidades de água. Uma trabalhadora sexual de rua verbalizou:

“Atiram coisas lá de cima. No outro dia, dou por mim, despejaram um balde de água em cima. Depois fecham tudo, muito rápido, muito coiso, como se não tivesse acontecido nada. Tive de voltar para casa, não fiz dinheiro nenhum nesse dia.” [E-18].

Várias mulheres mencionaram terem sido vítimas de assalto, algumas mais do que uma vez: “*Por 2 vezes fui roubada do meu dinheiro. Mais de 150 euros. Na última até levaram o resto das coisas que tinha na mala*” [E-11]. Algumas destas trabalhadoras sexuais relataram mesmo a ocorrência de ameaças com armas:

“Olha já fui assaltada várias vezes. Muitas vezes pela mesma pessoa. Anda por aqui a rondar a zona, a mirar quem faz mais dinheiro. No final da noite aparece, tira uma arma e pronto (...) bôfia não faz nada” [E-18].

A agressão física contra as trabalhadoras do sexo pode assumir várias formas, com frequências variáveis (Raphael & Shapiro, 2004). Oliveira (2011) refere que ameaças com armas e o arremesso de objetos são algumas formas frequentes e graves de agressão (Oliveira, 2011). Constatou-se neste estudo, que a prostituição de rua, devido a ser aquela que

se encontra mais exposta ao domínio público, é a que provoca maior impacto na comunidade, não sendo pois de estranhar que tenham sido as trabalhadoras sexuais em contexto de rua aquelas que experienciavam uma maior frequência de comportamentos violentos e discriminatórios.

Violência por parte de outras trabalhadoras sexuais.

Tendo em consideração os relatos obtidos junto das trabalhadoras sexuais, constatou-se que existe uma dinâmica complexa entre as mulheres que oferecem os seus serviços sexuais na mesma zona de influência. As entrevistadas, de ambos os contextos admitiram a existência de regras específicas, designadamente quanto à angariação dos clientes. Em contexto de rua os conflitos tendem a ocorrer quando uma trabalhadora sexual manifesta a sua disponibilidade numa zona ocupada por outra mulher, usualmente mais velha:

“Como é que eu hei-de dizer. Respeitar o espaço de cada uma. As mais velhas estão cá há mais tempo. Há mulheres que tão aí a mais de trinta e tal anos. Eu se calhar se for para o lugar dela... Se ela não tiver ali, eu chego ali e poiso, como se costuma dizer. Eu chego ali e depois ela chega ali e ela vai trabalhar onde? Se é ali que ela está habituada a trabalhar... A mesma coisa que eu chegar aqui e um dia ter aqui uma mulher. Pode gerar conflitos. (...) Quem chega primeiro, apanha o lugar e mantém o lugar” [E-4].

Outro fator de conflitualidade encontrado, remetia para gestões de rivalidade e competição ao nível dos valores cobrados, práticas sexuais exercidas e tempo dispendido com os clientes. Uma trabalhadora sexual de rua explicou as regras associadas à sua zona: “A única coisa que existe é os 10 euros, não podemos levar menos que 10 euros. Não podemos por exemplo passar meia hora ou passar vinte minutos com um cliente” [E-3].

A violência entre trabalhadoras sexuais tende a ser praticada em grupo, com o intuito de expulsar uma mulher de uma determinada zona:

“Não queria contar isso. Foi de eu ter sido expulsa lá de baixo e vindo cá para cima, só isso. Tive de sair de lá de baixo de um caminho que eu tava, para vir para este cá para cima. Foram outras raparigas” [E-3].

Um terço das mulheres do estudo de Nixon e colaboradores (2002) foram vítimas de ações violentas e perpetradas por outras trabalhadoras do sexo. Estas manifestações de violência incluem agressão física, ameaça de agressão física, roubo, e forçar a saída do local de solicitação de prestação de serviços sexuais. É comum estabelecer-se uma hierarquia, verificando-se que, as trabalhadoras sexuais mais inexperientes apresentam um maior risco de se tornarem vítimas dos pares (Armstrong, 2014a). A competitividade visando a obtenção de clientes constitui o principal foco promotor da violência entre prostitutas, principalmente quando prestam serviços na mesma zona ou espaço, visto que, muitas apresentam preços diferentes para um leque semelhante de práticas sexuais (Wojcicki & Malala, 2001).

No que concerne ao contexto de interior apuraram-se dinâmicas semelhantes. Também aqui a rivalidade laboral foi percecionada como um dos principais motivos de conflito: *“Às vezes temos outras discussões, mas tem mais a ver com clientes. Porque estamos na mesma casa. O cliente é para mim, e uma ou outra fica com ele. Normalmente tentamos chegar a um acordo, senão as coisas ficam feias”* [E-15]. Outra trabalhadora de interior salientou a inveja:

“Sabe, nesta vida existe inveja e rivalidade. Depois quando a pessoa não gosta de ver a outra pessoa na casa, ou porque dá apoio a outra pessoa, ou porque naquele dia o dia até tá lhe a correr melhor... Começam a inventar coisas como hei-de dizer a difamar, caluniar” [E-2].

Numa casa em particular, as trabalhadoras sexuais mencionaram a existência de conflitos com outras trabalhadoras de casas próximas. Uma mulher relatou que no decurso do

último ano várias trabalhadoras sexuais haviam tentando causar desacatos e perturbar a dinâmica da casa. Estas mulheres viriam sob ordens de um chulo:

“Costuma acontecer muitas vezes. Teve há pouco tempo mas realmente vi que não valia a pena. Uma pessoa que também precisa, não é mais do que eu, nem eu mais do que ela. Cada uma tem o seu motivo temos o mesmo trabalho. Vem a mandado do outro [chulo]. Não conheço de lado nenhum e depois vem-me acusar de uma coisa que eu não sou? Foi mesmo sem nexo (...) Isto tudo porque causa do dinheiro de umas estarem a fazer mais que outras” [E-1].

Em suma, verificou-se que as relações estabelecidas entre trabalhadoras sexuais eram complexas e fundamentadas em aspetos negativos do exercício da atividade, como por exemplo a rivalidade. Contudo, importa frisar a existência de relações de proximidade entre algumas trabalhadoras sexuais. Foi possível constatar a existência de trabalhadoras sexuais que se ajudavam mutuamente, designadamente com o intuito de se protegerem de possíveis clientes violentos e perigosos. Oliveira (2011) refere que as relações mais próximas entre trabalhadoras sexuais evidenciam mais aspetos positivos, como a solidariedade e amizade, em contraponto com as relações mais distantes, nas quais sobressaem os aspetos negativos, como a inveja e a agressividade.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo indicam, inequivocamente, a presença de vários tipos de violência dirigida a trabalhadoras sexuais, independentemente do contexto em que são prestados os serviços sexuais. Constatou-se também, em 8 das participantes, que haviam sido alvo de violência no decurso do trajeto de vida prévio ao trabalho sexual, nomeadamente sob a forma de maus tratos na infância e violência doméstica na idade adulta.

Verificou-se, que as relações interpessoais estabelecidas entre trabalhadoras sexuais e os clientes, comunidade e mesmo com os pares de exercício profissional, eram complexas podendo culminar em comportamentos violentos. Apesar das participantes percecionarem a violência como algo associado, e até expectável, à prestação de serviços sexuais, observaram-se diferenças entre os contextos, particularmente quanto aos tipos de violência e aos seus agentes.

Desta forma, constatou-se que trabalhadoras sexuais de rua, comparativamente a trabalhadoras sexuais de interior, eram mais suscetíveis de experienciar violência física por parte de clientes, assim como vários tipos de comportamentos discriminatórios e violentos por parte da população geral, nomeadamente agressões físicas, ofensas verbais e arremesso de objetos. Esta diferença em termos de vitimização advém prioritariamente da exposição permanente que as trabalhadoras sexuais de rua são obrigadas a manifestar. No que concerne a violência entre trabalhadoras sexuais verificou-se que um dos principais motivos de conflito era rivalidade.

Em Portugal, à semelhança de inúmeros países, é urgente que o poder político desenvolva legislação que enquadra o trabalho sexual, de modo a que esta população possa ter o direito a condições de trabalho e de segurança adequadas e dignas.

Este trabalho apresenta algumas limitações. Desde logo devido ao facto de ser uma amostra, pequena, recolhida por conveniência. Torna-se insensato generalizar as experiências de vitimização e a perceção do risco de violência, devido à heterogeneidade da população em estudo, embora as mesmas sejam repetidamente apontadas na literatura. Sugere-se que em estudos futuros se continue a investigar os tipos de violência contra trabalhadoras sexuais, bem como o respetivo impacto psicológico da mesma.

Referências

- Armstrong, L. (2014). Diverse risks, diverse perpetrators: Perceptions of risk and experiences of violence amongst street-based sex workers in New Zealand. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, 3(3), 40–54. <http://doi.org/10.5204/ijcjsd.v3i3.146>
- Armstrong, L. (2016). “Whos the slut, whos the whore?”: Street harassment in the workplace among female sex workers in New Zealand. *Feminist Criminology*, 11(3), 285–303. <http://doi.org/10.1177/1557085115588553>
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Church, S. (2001). Violence by clients towards female prostitutes in different work settings: Questionnaire survey. *BMJ*, 322(7285), 524–525. <http://doi.org/10.1136/bmj.322.7285.524>
- Dalla, R. L., Xia, Y., & Kennedy, H. (2003). “You just give them what they want and pray they don’t kill you”: Street-level sex workers’ reports of victimization, personal resources, and coping strategies. *Violence Against Women*, 9(11), 1367–1394. <http://doi.org/10.1177/1077801203255679>
- Farley, M., Cotton, A., Lynne, J., Zumbek, S., Spiwak, F., Reyes, M. E., Alvarez, D., & Sezgin, U. (2003). Prostitution and trafficking in nine countries: An update on violence and posttraumatic stress disorder. In M. Farley (Eds.), *Prostitution, trafficking, and traumatic stress* (pp. 33–74). Binghamton, NY: The Haworth Maltreatment & Trauma Press.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldeline.
- Harris, M., Nilan, P., & Kirby, E. (2011). Risk and risk Management for australian sex workers. *Qualitative Health Research*, 21(3), 386–398. <http://doi.org/10.1177/1049732310385253>
- Karamouzian, M., Foroozafar, Z., Ahmadi, A., Haghdoost, A. A., Vogel, J., & Zolala, F. (2016). How sex work becomes an option: Experiences of female sex workers in Kerman, Iran. *Culture, Health & Sexuality*, 18(1), 58–70. <http://doi.org/10.1080/13691058.2015.1059487>
- Katsulis, Y., Durfee, A., Lopez, V., & Robillard, A. (2014). Predictors of workplace violence among female sex workers in Tijuana, Mexico. *Violence Against Women*, 21(5), 571–597. <http://doi.org/10.1177/1077801214545283>
- Koken, J. A. (2012). Independent female escort’s strategies for coping with sex work related stigma. *Sexuality & Culture*, 16(3), 209–229. <http://doi.org/10.1007/s12119-011-9120-3>
- Kramer, L. A. (2004). Emotional experiences of performing prostitution. *Journal of Trauma Practice*, 2(3–4), 186–197. http://doi.org/10.1300/J189v02n03_10
- Li, J. C. M. (2013). Violence against chinese female sex workers in Hong Kong: From understanding to prevention. *International Journal of Offender Therapy and*

- Comparative Criminology*, 57(5), 613–631. <http://doi.org/10.1177/0306624X12438365>
- Matthews, R. (2015). Female prostitution and victimization: A realist analysis. *International Review of Victimology*, 21(1), 85–100. <http://doi.org/10.1177/0269758014547994>
- Nixon, K., Tutty, L., Downe, P., Gorkoff, K., & Ursel, J. (2002). The everyday occurrence: Violence in the lives of girls exploited through prostitution. *Violence Against Women*, 8(9), 1016–1043. <http://doi.org/10.1177/107780120200800902>
- O’Doherty, T. (2011). Victimization in off-street sex industry work. *Violence Against Women*, 17(7), 944–963. <http://doi.org/10.1177/1077801211412917>
- Oliveira, A. (2004). Prostituição, exclusão e violência. Estudo empírico da vitimação sobre prostitutas de rua. *Actas do II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*.
- Oliveira, A. (2011). *Andar na vida: Prostituição de rua e reacção social*. Coimbra: Almedina.
- Popoola, B. I. (2013). Occupational hazards and coping strategies of sex workers in southwestern Nigeria. *Health Care for Women International*, 34(2), 139–149. <http://doi.org/10.1080/07399332.2011.646366>
- Pyett, P., & Warr, D. (1999). Risk in sex work: For survival. *Journal of Sociology*, 35(2), 183–197.
- Raphael, J., & Shapiro, D. L. (2004). Violence in indoor and outdoor prostitution venues. *Violence Against Women*, 10(2), 126–139. <http://doi.org/10.1177/1077801203260529>
- Sallmann, J. (2010). Living with stigma: Women’s experiences of prostitution and substance use. *Affilia*, 25(2), 146–159. <http://doi.org/10.1177/0886109910364362>
- Sanders, T. (2004). A continuum of risk? The management of health, physical and emotional risks by female sex workers. *Sociology of Health and Illness*, 26(5), 557–574. <http://doi.org/10.1111/j.0141-9889.2004.00405.x>
- Surratt, H. L., Inciardi, J. a., Kurtz, S. P., & Kiley, M. C. (2004). Sex work and drug use in a subculture of violence. *Crime & Delinquency*, 50(1), 43–59. <http://doi.org/10.1177/0011128703258875>
- Teixeira, A., & Oliveira, A. (2016). Exploratory study on the prevalence of suicidal behavior, mental health, and social support in female street sex workers in Porto, Portugal. *Health Care for Women International*, 9332(June), 1–8. <http://doi.org/10.1080/07399332.2016.1192172>
- Ulibarri, M. D., Strathdee, S. A., Lozada, R., Magis-Rodriguez, C., Amaro, H., O’Campo, P., & Patterson, T. L. (2014). Prevalence and correlates of client-perpetrated abuse among female sex workers in two Mexico-U.S. border cities. *Violence Against Women*, 20(4), 427–445. <http://doi.org/10.1177/1077801214528582>
- Vanwesenbeeck, I. (2013). Prostitution push and pull: Male and female perspectives. *Journal of Sex Research*, 50(1), 11–16. <http://doi.org/10.1080/00224499.2012.696285>
- Wojcicki, J. M., & Malala, J. (2001). Condom use, power and HIV/AIDS risk: Sex-workers

bargain for survival in Hillbrow/Joubert Park/Berea, Johannesburg. *Social Science and Medicine*, 53(1), 99–121. [http://doi.org/10.1016/S0277-9536\(00\)00315-4](http://doi.org/10.1016/S0277-9536(00)00315-4)

World Health Organization (WHO). (2012). Prevention and treatment of HIV and other sexually transmitted infections for sex workers in low- and middle-income countries. Geneva: World Health Organization. Retirado de: http://www.who.int/iris/bitstream/10665/77745/1/9789241504744_eng.pdf.

Wong, W. C. W., Holroyd, E., & Bingham, A. (2011). Stigma and sex work from the perspective of female sex workers in Hong Kong. *Sociology of Health & Illness*, 33(1), 50–65. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9566.2010.01276.x>

Artigo II

Trabalho Sexual: Estratégias de Proteção contra a Violência e Estigmatização

Resumo

O presente estudo teve como objetivo apurar quais as estratégias que as trabalhadoras sexuais utilizam para se protegerem da violência e da estigmatização. Assim, foram realizadas 20 entrevistas a mulheres que exercem prostituição em contexto de rua e de interior, tendo o acesso às participantes decorrido quer através do uso da estratégia de “bola de neve”, quer da colaboração de entidades posicionadas no terreno. A recolha de dados permitiu-nos constatar que as estratégias utilizadas perante a violência são múltiplas e complexas, assumindo diferenças consoante o contexto da atividade e as dinâmicas existentes entre as trabalhadoras sexuais. Apurou-se que a seleção dos clientes é uma das estratégias usadas pelas trabalhadoras sexuais com vista a diminuir a probabilidade de risco de violência, registando-se também o uso de estratégias cooperativas entre as trabalhadoras sexuais. Para lidar com o estigma, documentou-se o recurso a estratégias que atenuem a possibilidade de serem identificadas ou reconhecidas como prostitutas, visando atenuar a discriminação e continuar a exercer esta atividade. Os dados obtidos reforçam a necessidade de conceber e implementar programas de prevenção e intervenção perante a violência e a estigmatização, dirigidas às prestadoras de serviços sexuais.

Palavras – chave: Trabalho sexual; violência; estigmatização

Abstract

The purpose of this study was to determine which strategies sex workers use to protect themselves from violence and stigmatization. Thus, 20 interviews were carried out with women who engaged in prostitution in street and indoor contexts, the access to the participants was accomplished through the use of the "snowball" strategy and the collaboration of entities in the field. The data collection allowed us to verify that the strategies used in the violence are multiple and complex, assuming differences depending on the context of the activity and the dynamics among the sex workers. It was found that the selection of clients is one of the strategies used by sex workers to reduce the likelihood of violence risk, as well as the use of cooperative strategies among sex workers. In order to deal with stigma, we have documented the use of strategies that attenuate the possibility of being identified or recognized as prostitutes, in order to reduce discrimination and continue to exercise this activity. The data obtained reinforce the need to design and implement prevention and intervention programs in the face of violence and stigmatization, aimed at the providers of sexual services.

Keywords: Sex work; violence; stigmatization

Resumen

El propósito de este estudio fue determinar qué estrategias utilizan los trabajadores sexuales para protegerse de la violencia y la estigmatización. Por lo tanto, hubo 20 entrevistas con mujeres que ejercen la prostitución en el contexto de la calle y el interior, con acceso a los participantes pasaban ya sea mediante el uso de la estrategia de "bola de nieve" o la colaboración de entidades colocados en el suelo. La recolección de datos nos ha permitido ver que las estrategias utilizadas antes de la violencia son múltiples y complejas, asumiendo las diferencias en función del contexto de la actividad y las dinámicas existentes entre los profesionales del sexo. Se encontró que la selección del cliente es una de las estrategias utilizadas por los profesionales del sexo con el fin de reducir la probabilidad de riesgo de violencia, y es de hecho también el uso de estrategias de cooperación entre los trabajadores sexuales. Para hacer frente al estigma, el uso de estrategias se documentó para mitigar la posibilidad de ser identificado o reconocido como prostitutas, para mitigar la discriminación y siguen participando en esta actividad. Los datos refuerzan la necesidad de diseñar e implementar programas de prevención e intervención ante la violencia y estigmatización, apuntando a los proveedores de servicios sexuales.

Palabras-clave: Trabajo sexual; violencia; estigmatización

Introdução

Os trabalhadores do sexo são pessoas que se envolvem em práticas sexuais, de um modo consciente, com outra pessoa ou pessoas em troca de dinheiro ou bens (Popoola, 2013). Esta atividade é exercida, maioritariamente por mulheres, sendo vulgarmente designada de prostituição e podendo ser diferenciada mediante o contexto em que é praticada, nomeadamente, de rua ou de interior. O termo trabalho sexual tem vindo a ganhar protagonismo face ao termo prostituição, visto diminuir a estigmatização associada (Koken, 2012), sendo esta a designação que adotaremos neste trabalho.

A violência figura como uma possível consequência associada à prostituição, tendo-se verificado diferenças consoante o contexto onde a atividade é exercida (Mathews, 2015). A estigmatização é outro fenómeno que se encontra patente no quotidiano das trabalhadoras (Koken, 2012). Segundo o trabalho clássico de Goffman (1963), o estigma é considerado um atributo profundamente descreditado pela sociedade, em que o sujeito estigmatizado é categorizado como não tendo as características conotadas com a normalidade.

Mulheres envolvidas no trabalho sexual são muitas vezes alvo de várias formas de violência, incluindo física, sexual, económica e psicológica (Katsulis, Durfee, Lopez, & Robillard, 2014; Li, 2013; Mathews, 2015), assim como vítimas de assédio, discriminação e estigmatização social (Popoola, 2013).

Em Portugal a prostituição é permitida, embora o seu estatuto legal não se encontra regulamentado. Ainda assim, existe um enorme estigma em relação ao trabalho sexual, que se manifesta em comportamentos de marginalização, assim como de violência contra as trabalhadoras sexuais (Oliveira, 2004).

A presente estudo pretende dar um contributo para a temática da Prostituição, tendo em conta que são escassos os trabalhos de investigação realizados, quer porque se trata de uma população com particularidades muito específicas e de difícil acesso, quer porque não

existe um interesse social que fomente o aumento da investigação. Neste sentido, partindo de uma revisão literária sobre o tema desenvolvemos um estudo de caráter descritivo, exploratório e transversal, cujo principal objetivo foi compreender as estratégias usadas por trabalhadoras do sexo para lidar com a violência e com a estigmatização experienciadas no âmbito do exercício da sua atividade.

Estratégias de Proteção contra a Violência e Estigmatização

De modo a fazer face à violência e estigmatização, as trabalhadoras sexuais desenvolvem várias estratégias, sobretudo preventivas. Contudo, é bastante difícil incorporar o risco e os fatores de risco associados à prostituição (e a subsequente violência), pois dependem tanto da avaliação e resposta individual ao risco por parte da trabalhadora do sexo como do contexto estrutural e social do mercado do sexo (Sanders, 2005; Reid & Piquero, 2014). O contexto no qual a prostituição é exercida pode influenciar a avaliação do risco, e, subjacentemente, as estratégias adotadas, visto que a probabilidade de ser vítima de violência no âmbito prostituição de rua é diferente do verificado na prostituição de interior (Mathews, 2015; Williamson & Folaron, 2003). Neste sentido, quanto mais estigmatizada e perigosa a situação de vida, mais extrema a percepção de risco será (Karamouzian et al., 2016).

As estratégias utilizadas dependerão das experiências vivenciadas pelas trabalhadoras sexuais, designadamente a aprendizagem através dos seus erros (Okal et al., 2011). Segundo Vanwesenbeeck (2005), trabalhadoras do sexo com mais tempo nesta atividade, em comparação com trabalhadoras mais recentes na prestação de serviços sexuais, tendem a ser mais eficazes na adaptação às exigências do trabalho sexual.

Em ambos os contextos, rua ou interior, é usual as trabalhadoras do sexo adotarem uma série de medidas com o propósito de se protegerem, principalmente dos clientes, tal como: comunicar com outras trabalhadoras do sexo sobre os clientes percecionados como

perigosos (Barnard, 1993; Williamson & Folaron, 2001); observar comportamentos que possam ser indiciadores de perigo (Armstrong, 2014b; Oselin & Blasyak, 2013); recusar clientes de certas etnias e de idades jovens (Armstrong, 2014b; Barnard, 1993); confiar na intuição para determinar se um cliente é seguro ou não (e.g., Dalla, Xia, & Kennedy, 2003; Williamson & Folaron, 2003); recusar clientes que possam estar sob o efeito de substâncias ou álcool (Armstrong, 2014b); estar armada ou recorrer a outra forma de defesa pessoal (e.g., Nixon et al., 2002; Sanders, 2004a; Williamson & Folaron, 2003); solicitar antecipadamente o pagamento pelos serviços sexuais (Sanders, 2005); esconder o dinheiro ou evitar ter consigo a carteira/bens (Sanders, 2005); não realizar deslocações a casa de clientes (Williamson & Folaron, 2001); não consumir substâncias ou álcool, de modo a estar mais habilitada para fugir em situações de perigo (Nixon et al., 2002); escolher criteriosamente as posições sexuais no decorrer da prestação de serviços, para impedir que os clientes utilizem a força física (Barnard, 1993; Sanders, 2005); utilizar a comunicação verbal de forma a manter o cliente calmo (Oselin & Blasyak, 2013; Whittaker & Hart, 1996); e por último, procurar ter clientes regulares (e.g., Barnard, 1993; Sanders, 2005; Williamson & Folaron, 2001).

Na prostituição de rua algumas das estratégias específicas, mais comumente utilizadas são: procurar áreas iluminadas e evitar locais isolados (Dalla et al., 2003); não permanecer sozinha na rua (Barnard, 1993; Nixon et al., 2002); realizar os encontros com os clientes em zonas específicas recusando a deslocação para zonas desconhecidas (optar por trabalhar sempre no mesmo local ou em sítios familiares) (Barnard, 1993; Dalla et al., 2003; Williamson & Folaron, 2001); evitar entrar em carros de clientes (em caso de entrar verificar a existência de armas e de maçanetas nas portas) (Armstrong, 2014b; Williamson & Folaron, 2001); saltar de carros em andamento (Dalla et al., 2003).

Do mesmo modo, relativamente às estratégias específicas que as trabalhadoras sexuais no contexto de interior podem adotar: não estar sozinha em casa (Whittaker & Hart, 1996);

alertar o cliente de que está mais alguém presente (Sanders, 2005); ter pessoas a vigiar o decurso do envolvimento sexual (Sanders, 2005; Whittaker & Hart, 1996). Saliente-se as trabalhadoras sexuais podem utilizar estratégias diferenciadas, bem como várias simultaneamente (Oselin & Blasyak, 2013).

No que concerne às estratégias mais utilizadas pelas trabalhadoras sexuais para a lidar com a estigmatização, estas podem ser enquadradas nas seguintes tipologias: estratégias de controlo emocional (e.g., Dalla et al., 2003; Kontula, 2008); estratégias de gestão da informação (Koken, 2012; Murphy, Dunk-West, & Chonody, 2015; Sanders, 2005); estratégias de ocultação da atividade (e.g., Sanders & Campbell, 2007; Tomura, 2009); e ainda estratégias cognitivas (Sanders, 2005; Wong, Holroyd, & Bingham, 2011).

No âmbito das estratégias de controlo emocional destaca-se o recurso a mecanismos de dissociação por parte das trabalhadoras sexuais. O uso de substâncias é apontado como uma forma de escapismo (Dalla et al., 2003), podendo transitar do uso recreativo para o uso funcional, numa tentativa de responder ao estado emocional (Williamson & Folaron, 2003). Alguns autores defendem que o consumo de drogas ou álcool pode funcionar como uma forma de sobrevivência contra a violência, bem como contra as experiências emocionais negativas resultantes da prostituição (Dalla et al., 2003; Williamson e Folaron, 2003). Durante o envolvimento sexual, a dissociação assume um propósito funcional, ou seja, as trabalhadoras sexuais aprendem a distanciar-se mentalmente do ato sexual (Vanwesenbeeck, 2005). Desta forma, a dissociação serve como uma estratégia de protecção que mantém o distanciamento emocional entre o cliente e a trabalhadora sexual (Kontula, 2008). O próprio preservativo acaba por proporcionar uma dupla protecção e, na medida em que também constitui forma de separar emocionalmente o trabalho sexual da vida íntima pessoal (Bellhouse, Crebbin, Fairley, & Bilardi, 2015; Sanders, 2004a).

As estratégias de gestão de informação, em particular a divisão de contatos sociais, cunhadas por Goffman (1963), remetem para a repartição do mundo numa parte maioritária, à qual não divulgam a sua condição estigmatizante, e um pequeno grupo que a conhece. No estudo de Sanders (2005), das 44 trabalhadoras sexuais que referiram ter um parceiro íntimo, 13 não divulgaram qualquer informação da sua atividade, e das 31 que contaram, 26 salientaram não o ter feito imediatamente. Contrariamente, Murphy e colaboradores (2015) constataram que ninguém na sua amostra havia tentado esconder a sua profissão dos parceiros íntimos. As participantes destacaram como era para elas importante ser honesta com o parceiro e sentirem-se aceites como mulheres e como trabalhadoras sexuais.

Quanto às estratégias de ocultação da atividade, podem manifestar-se de inúmeras formas: uso de pseudónimos, estes para além de permitirem esconder a verdadeira identidade, servem igualmente para encontrar nomes que potencializem a conotação sexual, permitindo ainda identificar as trabalhadoras no contexto da prestação dos serviços sexuais (Armstrong, 2014a; Sanders, 2005); existência ou simulação de outra ocupação laboral, de forma a encobrir o trabalho sexual (Wong et al., 2011); o espaço geográfico, sendo que algumas mulheres prostituem-se em locais longe da sua zona de residência (Wong et al., 2011); escolha do mercado de trabalho sexual, relacionada com o nível de exposição (Sanders, 2005); isolamento social, sendo a escolha de amigos tendencialmente seletiva e com probabilidade de estar relacionada com o trabalho sexual (Hickle, 2016; Kroken, 2012); recurso a verdades parciais ou mesmo mentiras, sendo frequentes as versões que colocam a mulher na indústria do sexo, excluindo-a, no entanto, da prestação de serviços sexuais (Sanders, 2005).

Por fim, as estratégias cognitivas estas podem contemplar racionalizações, minimizações e legitimações relativas ao trabalho sexual (Koken, 2012; Vanwesenbeeck, 2005), podendo resultar no desenvolvimento de distorções cognitivas (Nasir et al., 2010). Geralmente este tipo de estratégias estão associadas, e são consequentes, a uma avaliação

moral do trabalho sexual. Algumas trabalhadoras sexuais encaram a prostituição como uma prática que integra uma hierarquia de comportamentos socialmente indesejáveis, comparando-a a outros expedientes, igualmente indesejáveis pela sociedade, como, por exemplo, o roubo (Wong et al., 2011). Sanders (2005) encontrou trabalhadoras sexuais que se definiam a si mesmas como: prestadoras de serviços à comunidade, assim como aos clientes, encarando o recurso destes à prostituição como uma alternativa ao adultério e como uma forma de preservar a vida conjugal; responsáveis pela redução da criminalidade violenta contra mulheres e crianças; conselheiras para os problemas emocionais; terapeutas de saúde (e.g., prevenção de doenças); e solução para o envolvimento sexual por parte de pessoas com deficiência.

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi constituída de forma intencional, tendo em consideração os seguintes critérios de inclusão: os participantes exercerem atividade como trabalhadoras sexuais, no contexto de rua e/ou interior; serem do sexo feminino; terem idade igual ou superior a 18 anos; residirem em território português, independentemente da nacionalidade; terem capacidade de compreender e comunicar em português.

Assim, participaram neste estudo 20 trabalhadoras sexuais (dez em contexto de rua e dez em contexto de interior), com idades compreendidas entre os 27 e os 42 anos. A maioria da amostra foi constituída por mulheres de nacionalidade portuguesa, existindo ainda quatro participantes de nacionalidade brasileira. Importa mencionar que as mulheres neste estudo eram trabalhadoras sexuais independentes, ou seja, ninguém vigiava ou controlava o trabalho sexual das mesmas.

Material

Neste estudo foi utilizado um guião semiestruturado, construído com base na revisão da literatura. Os dois primeiros domínios contêm questões referentes à caracterização sociodemográfica, sendo que, o segundo aborda questões mais específicas relacionadas com o trabalho sexual, nomeadamente, a idade de início do trabalho sexual e o conhecimento da atividade por familiares e de outras pessoas. O terceiro domínio centra-se na violência, tendo como intuito explorar significados alusivos à autorrepresentação da violência por parte das trabalhadoras sexuais e a sua experiência pessoal. Por último, no quarto domínio, pretende-se explorar as crenças e atitudes relativas ao trabalho sexual. As últimas questões têm como objetivo o fecho da entrevista.

Procedimento

Este projeto de investigação foi submetido à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, tendo sido obtido um parecer positivo para a implementação do estudo.

Inicialmente procurou-se obter a cooperação de organizações não-governamentais para aceder à amostra. Uma vez estabelecida a ligação com as organizações, através de programas de redução de danos, procedeu-se, com as respetivas equipas, a incursões no terreno, o que permitiu estabelecer relações com trabalhadoras sexuais e, conseqüentemente, facilitar a realização das entrevistas. As entrevistas foram realizadas maioritariamente no local em que as mulheres prestam serviços sexuais. Excecionalmente, foi agendado um local e hora para a realização da entrevista.

Optou-se por obter o consentimento informado de forma oral, em contrapartida ao escrito, para minimizar a fuga de informação, assim como uma possível identificação. Foram previamente dados a conhecer os objetivos do estudo, tendo sido garantida a confidencialidade das informações prestadas. Paralelamente, foi também solicitado às participantes autorização para a gravação da entrevista em formato áudio, recorrendo-se, a

um nome fictício a fim de evitar a identificação e garantir o seu anonimato. Adicionalmente as participantes foram informadas de que podiam recusar responder a qualquer pergunta e que podiam interromper ou abandonar a entrevista quando assim o desejassem.

Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio e transcritas na íntegra. A análise dos dados foi realizada tendo por base a abordagem da Grounded Theory (Charmaz, 2006; Glaser & Strauss, 1967). Complementarmente, a presente investigação obedeceu à abordagem de duas fases proposta por Charmaz (2006). Numa primeira fase, procedeu-se à uma codificação inicial de cada linha, sendo que os códigos obtidos serviram como orientadores, apresentando um carácter provisório. A segunda fase agregou os códigos iniciais mais significativos ou frequentes com a intenção de classificar, sintetizar, integrar e organizar os dados.

O processo de codificação inicial teve início após a realização das primeiras entrevistas, tendo como objetivo permanecer aberto a todas as direções teóricas possíveis que emergiam da leitura dos dados. Nessa sequência, codificou-se a informação linha a linha, tendo sido formulados descritores gerais, ou conceitos, a partir dos dados brutos. Os conceitos que foram identificados nas entrevistas iniciais foram extremamente relevantes, sendo posteriormente utilizados para conduzir a entrevista semiestruturada. Desde logo foi possível identificar padrões que remetiam para as estratégias utilizadas contra a violência, tal como para as estratégias relacionadas com a estigmatização.

Seguidamente e à medida que se procedia à análise dos dados, prosseguiu-se com a recolha da amostra, dando origem a comparações constantes entre as categorias. Este fato permitiu compreender e ajustar as várias categorias consoante as estratégias que emergiam da análise dos dados. Por fim, relacionou-se as categorias com as subcategorias, reorganizando a codificação inicial, até ser impossível originar novas ideias ou categorias, atingindo-se a saturação teórica. No final obteve-se duas categorias gerais: estratégias contra a violência e

estratégias para lidar com a estigmatização. Relativamente às estratégias contra a violência, organizou-se os dados mediante 4 subcategorias, nomeadamente, seleção de clientes, local, dinâmicas entre trabalhadoras sexuais e recurso à violência. No que concerne as estratégias para lidar com a estigmatização estabeleceu-se 3 subcategorias: ocultação/divulgação da atividade, barreiras de defesa pessoais e racionalizações. Nota ainda para alguns dados que não são únicos entre as categorias, ou seja, certas estratégias de proteção foram alvo de codificação em várias categorias.

Resultados e Discussão

Estratégias Contra a Violência

Seleção de clientes.

Quando questionadas acerca do tipo de medidas ou estratégias utilizadas para garantir a segurança, a maioria das trabalhadoras sexuais confessou ser a intuição a principal arma: *”Confio em mim própria. No meu instinto. Quando não encaro um cliente bem, não vou, nem que me pague 1000 euros.”* [E-10].

Embora as verbalizações iniciais mencionassem a intuição ou o instinto, relatos posteriores aprofundaram as medidas que estas mulheres utilizavam para se protegerem de clientes potencialmente violentos. Os estudos apontam que as trabalhadoras sexuais não se guiam apenas pela intuição, apesar de esta ser um fator determinante na escolha dos clientes (Armstrong, 2014b). A intuição resulta da experiência que as trabalhadoras sexuais obtêm ao longo do tempo, podendo funcionar como uma estratégia preliminar eficaz no primeiro contato com os clientes (Barnard, 1993; Whitakker & Hart, 1996).

Neste estudo, as trabalhadoras sexuais revelaram que certas características físicas dos clientes, assim como a linguagem corporal eram tidos como aspetos importantes para a aceitação do cliente. Por exemplo, uma trabalhadora verbalizou que preferia clientes mais

velhos: *“Em termos de clientes os homens com mais idade deixam-me mais segura. Por experiência própria não são tão impulsivos. É uma maneira de eu saber o chão onde piso.”*

[E-16], enquanto que outra explicou a razão de não aceitar homens de certas etnias:

“O português é muito meiguinho. Não faço brasileiro, nem ucraniano, guineense, romeno. Porque é caçar confusão... Confusão tipo assim eles te querem explorar. Por te darem 20 ou 30 euros querem-te explorar, entende? ‘Eu tou pagando pah’. Pensam que podem fazer tudo só porque pagam. Tem cliente que se vem no preservativo e quer continuar. Não existe respeito.” [E-5]

Algumas trabalhadoras sexuais afirmaram que apenas estão com clientes habituais, clientes *“recomendados”* [E-13] (clientes que já estiveram com outras trabalhadoras sexuais conhecidas) ou amigos de clientes. Algumas trabalhadoras sexuais em contexto de rua mencionaram a viatura dos clientes como outro aspeto importante, quer na memorização da matrícula, quer no cuidado a ter.

Geralmente, na primeira observação dos clientes, as mulheres adotam uma postura mais assertiva, utilizando um conjunto diverso de medidas ou estratégias que visam a procura de sinais indicativos de perigo, para atestar o mais rapidamente possível a genuinidade dos clientes (Armstrong, 2014b; Williamson & Folaron, 2003; Whittaker & Hart, 1996). Uma trabalhadora sexual de rua verbaliza: *“Quando aparecem clientes estranhos é preciso julgá-los rapidamente e perceber o que realmente querem”* [E-10]. Devido às incursões no terreno, foi possível observar que trabalhadoras sexuais em contexto de rua dispõem de menos oportunidades e tempo no processo de seleção dos clientes. Enquanto que trabalhadoras sexuais de interior podem estabelecer várias interações breves com os clientes (usualmente o primeiro contato é via telefone), dispondo de mais tempo para observar e analisar os clientes: *“Sabe que nesta vida há de tudo. Felizmente falamos primeiro ao telefone. Mas há aqueles que falam muito bem ao telefone e depois quando chegam aqui, mal a pessoa abre a porta*

até empurram a porta” [E-2]; as trabalhadoras sexuais de rua tendem a prestar os serviços sexuais em locais perto da zona de solicitação, dentro do carro dos clientes, com quem travam apenas um diálogo sucinto imediatamente antes da trabalhadora entrar na viatura do cliente.

Após o primeiro contato, maioritariamente visual ou com curtas interações verbais, é estabelecida a conversação final com o cliente, sendo este o último passo para tentar diferenciar um cliente violento de um não violento. Os estudos apontam que a maioria das mulheres consideram que no âmbito do trabalho sexual apresentam características diferentes das usuais ao seu comportamento no dia-a-dia, nomeadamente educação e gentileza, com o objetivo de atrair clientes e oferecer um serviço bem-sucedido, sem incidências de violência (Oselin & Blasyak, 2013; Sanders, 2004b). É possível constatar no discurso das trabalhadoras sexuais este tipo de estratégias, tanto em contexto de rua como de interior:

“Se aparecer algum cliente que eu ao telefone até gostei da voz dele... Parecia uma voz calma, mas eu vejo que ele não é assim tão calmo como parecia. Meto assim um pouco de conversa primeiro, algumas perguntas. Sempre muito suave, carinhoso. Se ele é casado, se tem filhos, onde é que trabalha. Para ver, para ver se continua a minha sensação que ele não é assim tão calmo.” [E-14].

Uma trabalhadora sexual de interior verbalizou que a comunicação e a postura constituíam indicadores essenciais em clientes sob o efeito de álcool ou substâncias:

“Já tive situações de chegar no quarto o cara tá muito bêbado ‘Ah não vou dar dinheiro’. Aí você é uma diplomacia. Vai lá tentar conversar com aquela pessoa tentar reverter. ‘Senta aqui meu querido, e não sei quê’. E você acaba sempre. Há pessoas estoiradas. Eu nessa hora não. Nessa hora eu mantenho a minha calma a minha postura. Assim muito calminha. ‘Então olha vamos negociar se você quer que eu vá embora me dá só metade’. Para ficar na paz, senão a guerra gera mais guerra.

Não vale a pena (...) Você tem de fazer de tudo pra agradar dentro do possível para que não te prejudique, para que você não saia mal.” [E-6]

A comunicação também ocorre no decurso da prestação sexual. As trabalhadoras participantes do presente estudo mencionaram que o diálogo era fundamental para manter o cliente calmo, assim como para finalizar o serviço o mais rapidamente possível. Kontula (2008) constatou que as trabalhadoras sexuais apresentavam a habilidade de estabelecer o nível necessário de atmosfera íntima para cada cliente. Contudo, importa frisar que a violência por parte de clientes é considerada pelas trabalhadoras sexuais como frequentemente imprevisível, mesmo naquelas que nunca sofreram violência, existindo no entanto uma constante preocupação perante essa possibilidade (Sanders, 2005). No estudo de Williamson e Folaron (2001), as mulheres referiram que os ataques mais violentos ocorrem após o contato inicial, durante a negociação e antes do pagamento.

Algumas trabalhadoras sexuais salientaram que receber o dinheiro antes do serviço sexual era uma garantia de obtenção do pagamento, permitindo simultaneamente avaliar a intenção dos clientes: *“Os clientes regulares não tanto, mas com clientes novos, peço sempre o dinheiro primeiro. É uma mais-valia. Já me aconteceu ter clientes que não pagaram” [E-8]*. A garantia de pagamento pode representar uma estratégia fulcral durante a negociação, na medida em que permite discernir entre um verdadeiro cliente e um não cliente que tenha outras intenções.

Constata-se assim que o processo de seleção de clientes é complexo, exigindo por parte das trabalhadoras sexuais um esforço constante para identificar um cliente de um não-cliente, assim como um cliente potencialmente perigoso e violento. Verifica-se ainda que a avaliação célere do risco diferencia-se entre o contexto de rua e de interior, visto que trabalhadoras sexuais de rua dispõem de menos tempo para o realizarem. Contudo, as estratégias utilizadas são semelhantes em ambos os contextos.

Local.

Foi nesta categoria que se surgiram as diferenças mais significativas, visto haver uma associação direta ao contexto em que a prostituição é exercida. As trabalhadoras sexuais de interior verbalizaram que em casa sentem maior segurança do que na rua. *“Eu tou bem, tou muito bem. Tou numa casa, tou protegida, não tou na rua.”* [E-13]; *“Se eu tou em casa, é em casa que eu atendo o telefonema. Acordamos o preço, a hora. É mais fácil. Não tou na rua estou em casa. Para mim é melhor.”* [E-14].

As trabalhadoras de interior entrevistadas mencionaram ainda que não realizam deslocações: *“Não... Nunca (...) Não porque, quando a gente percebe alguma coisa. Agora deslocação..., medo, deslocação não faço. Porque na casa dos outros é outra coisa né?”* [E-5]. Uma trabalhadora sexual de interior que presta os serviços sexuais em hotéis relatou que nunca se sente completamente segura:

“Não está escrito na testa de ninguém quem é o correcto. Num hotel você está segura, mas 100 % não. Mas toda a gente vê a hora que você entra, a maioria pede identificação. As pessoas vêem você entrando. Você pode dar um grito sei lá.” [E-6]

Quanto ao contexto de rua, apesar de todas as participantes entrevistadas prestarem os seus serviços nos carros dos clientes, o que segundo a literatura poderá ser entendido como um comportamento de risco (Armstrong, 2014b; Williamson & Folaron, 2001), existe uma forte preocupação em relação ao local de solicitação e, subseqüentemente, ao sítio em que a relação sexual é consumada:

“Mantenho-me sempre na borda da estrada, mesmo. Se conseguir aguentar sem ir lá dentro, por exemplo urinar ou outra coisa qualquer. Aguento-me, mantenho-me aqui. Se entro com um cliente tem que ser mesmo... Que de para a vista da estrada (...) Se acontecer alguma coisa para eu poder gritar ou algo do género. Segurança não há nenhuma.” [E-4].

Observou-se neste estudo que as trabalhadoras sexuais de interior revelaram uma maior percepção de segurança. Em contrapartida, as trabalhadoras sexuais de rua percebem a atividade como pouco segura e perigosa: *“Não existe segurança nenhuma na rua. Cada um por si”* [E-18]. De forma semelhante, outros estudos referem que as trabalhadoras sexuais consideram que a atividade em contexto privado possui menos riscos, comparativamente com a prestação de serviços sexuais em locais públicos (e.g., Whittaker & Hart, 1996). Segundo Sanders (2004b), devido à violência, aos crimes relacionados com a droga e ao policiamento, torna-se cada vez mais comum, entre as trabalhadoras sexuais, conciliar ambos os contextos, ou seja, solicitar os serviços sexuais nas ruas e realizar o trabalho sexual em contexto abrigado. Verificou-se também, na presente investigação, que em ambos os contextos, as trabalhadoras sexuais recusavam realizar deslocações com clientes.

Dinâmicas entre trabalhadoras sexuais.

Durante as entrevistas, foi referido pelas trabalhadoras sexuais que a presença de outras prestadoras de serviços sexuais constituía uma medida protetiva contra a violência. As trabalhadoras sexuais de interior revelaram ter uma forte cumplicidade com as outras mulheres que trabalhavam na mesma casa:

“Eu não sei quem é a pessoa. A pessoa não sei quem é. Mas é assim se eu oiço qualquer coisa que não me parece normal (...)Tem mesmo que ser. É tipo um acordo que nós temos, és tu para mim, eu para ti, ou para quem cá estiver.” [E-1].

A comunicação entre as trabalhadoras sobressaiu como uma forma de proteção: *“Tem mais meninas. Vão passando a palavra que o cara é simpático, que é boa onda. Aí fica mais fácil, e é uma segurança sem dívida”* [E-13]. Segundo a literatura, a comunicação entre trabalhadoras sexuais é relevante, visto que auxilia no processo de seleção dos clientes, permitindo às mulheres recusarem sujeitos violentos e perigosos (Williamson & Folaron, 2001).

Uma trabalhadora sexual de interior explicou sumariamente como realiza o seu processo de seleção de clientes. Verifica-se neste relato a utilização de várias estratégias previamente descritas, incluindo um especial destaque para o papel das outras trabalhadoras sexuais:

“Costumo dizer que existem três etapas. A primeira é ao telefone, tentar compreender a voz, as maneiras. Depois espreito sempre um bom bocado pela porta para ver se corresponde ao esperado. A terceira é uma pequena conversa ‘Olá querido, fica à vontade’. Se tudo correr bem, eu levo-o para o quarto. Nesta casa estão sempre 3/4 meninas. Raramente estamos todas a trabalhar ao mesmo tempo. Quando uma está com o cliente as outras ficam mais caladas para ver se corre tudo bem e se nada de suspeito acontece.” [E-19].

As entrevistas realizadas denotaram existir uma menor cumplicidade nas trabalhadoras sexuais de rua, em comparação com as de interior. Ainda assim, constatou-se um sentimento de interajuda, particularmente entre as trabalhadoras sexuais que solicitam na mesma zona:

“Eu era a primeira a ajudar e sei que ela também me ajudaria. Ela sei que sim. Agora o resto... Não ponho as minhas mãos no lume, porque sei que me queimo. São muito rancorosas. Se eu trabalho mais que ela...” [E-4]

Neste estudo verificou-se que a presença de outras trabalhadoras sexuais constituía um fator de proteção: “Também tenho uma vizinha [trabalhadora sexual] do outro lado da rua. É sempre mais uma segurança.” [E-7]. Contudo, nem sempre a relação entre trabalhadoras sexuais demonstra cumplicidade, estando muitas vezes associada a rivalidade e até a violência (Nixon et al., 2002). Popoola (2013) documentou que o confronto era a estratégia mais utilizada para lidar com a rivalidade entre as colegas de trabalho. No presente estudo verificou-se a existência de comportamentos violentos dirigidos a outras trabalhadoras sexuais, particularmente contra trabalhadoras inexperientes ou mais novas. Contudo, salvaguarda-se que, na maioria dos casos, as relações estabelecidas entre trabalhadoras

sexuais que partilham a mesma zona de solicitação (prostituição de rua) ou a mesma casa (prostituição de interior) contribuem para a partilha de informação e interajuda.

Recurso à violência.

Quando as estratégias descritas não resultam ou não são implementadas tende a surgir como última solução o recurso à violência. Tal como sugere Okal e colaboradores (2011), apesar das estratégias mencionadas para minimizar ou anular os efeitos da violência, a perpetração de comportamentos violentos contra profissionais do sexo é, frequentemente, imprevisível e incontrolável. Poucas mulheres neste estudo referiram a violência como uma estratégia a mobilizar. Uma trabalhadora sexual de rua verbalizou que como forma de proteção perante determinados clientes ou pessoas ofensivas utilizaria uma pedra: *“O calhau que ali tá em cima da cadeira deve de servir para alguma coisa digo eu”* [E-3]. Outras mulheres referiram que apenas recorreriam à violência se alguém incorresse em comportamentos violentos para com as mesmas:

“É um risco mas para a pessoa que eu me conheço, para a minha personalidade, se chegar uma pessoa assim logo, é assim não vai acabar bem porque eu também não me vou deixar bater. Mas naturalmente não vai acabar bem, não é?” [E-1]

Segundo Sanders (2004a), as trabalhadoras sexuais recorrem à violência quando o grau de ameaça de violência é elevado. Contudo, o recurso à violência ou a outras formas de (Williamson & Folaron, 2003) defesa pessoal tende a ser uma estratégia pouco utilizada entre o leque de possibilidades

Estratégias para lidar com a Estigmatização

Ocultação/Divulgação da atividade.

As trabalhadoras sexuais relataram a referência a um outro trabalho como uma das estratégias mais usadas para esconderem a real atividade profissional perante a família e amigos. Por exemplo, uma trabalhadora sexual de interior verbalizou:

“Digo que trabalho numa empresa, na qual eu já trabalhei cá [em Portugal] durante 5 anos. E então para eles eu continuo trabalhando nesta empresa. Quando estou com eles, digo que estou de férias, tiro uns dias de férias. Tento conciliar as coisas.” [E-6]

A maioria das trabalhadoras sexuais preocupa-se com a possibilidade de serem desprezadas pela sua família e pela sociedade em geral, devido à não aceitação desta atividade (Wong et al., 2011). À semelhança de outros estudos, também neste trabalho se verificou que a localização geográfica do local em que são prestados os serviços sexuais é um dos aspectos que as mulheres consideram para garantirem que a sua atividade não seja descoberta: *“Digo que trabalho num café, no tal café. Como eles são da aldeia lá da zona [Coimbra] e têm uma certa idade, não vêm cá a baixo. [E-8] ”*; *“Da minha família ninguém sabe e estão muito longe de saber. Eu venho de propósito para aqui, vai ser difícil descobrirem. [E-7] ”*

Uma mulher referiu que o facto de trabalhar longe e numa casa dificulta a possibilidade de ser descoberta: *“Ninguém. Trabalho longe, a casa onde trabalho é longe. Numa casa é mais difícil. [E-16] ”*. Todas as participantes neste estudo, independentemente do contexto de prostituição, revelaram que não se prostituíam na zona de residência ou naturalidade, optando por realizar deslocações para vilas ou cidades próximas. A localização geográfica do local em que são prestados serviços sexuais é uma escolha consciente, influenciada pelo desejo de reduzir o risco de identificação (Sanders, 2005). Sanders (2004a;

2005) defende que as trabalhadoras do sexo estão preocupadas com a possibilidade de serem descobertas a trabalhar nesta atividade.

Nenhuma trabalhadora sexual nesta amostra divulgou junto dos progenitores a sua atividade, exceto um caso em que a respetiva mãe descobriu: *“Ela sempre foi muito perspicaz sabe? [risos]. Apanhou num saco lá em casa, roupa, preservativos. Começou uma chuva de perguntas. Tive de dizer. Agora compreende, mas na altura foi difícil. Chorou, chorou.”* [E-11]. Relativamente a outros membros da família, duas mulheres divulgaram o seu trabalho aos irmãos:

“Mas tenho um irmão que sabe. Ele de início disse para eu pensar bem se era isso que eu queria fazer da minha vida. Que era uma mulher nova. Mas eu disse que sim, não tinha alternativa. As coisas não são fáceis, a vida é difícil. [E-15]”

O facto das mulheres deste estudo optarem por não divulgar o trabalho sexual à família deve-se ao medo ou vergonha das possíveis reações. Uma participante expressou que a atitude da família seria violenta: *“Ui, de jeito nenhum. Então eles são uma pessoa que é à moda antiga, conservadores. Se soubessem escorraçavam-me logo à paulada [E-1]”*.

Também Wong e colaboradores (2011), na investigação que realizaram, apuraram que, as trabalhadoras sexuais preocupavam-se com as possíveis respostas da família e amigos. A maioria percecionava que os outros não estariam dispostos a aceitar a sua atividade.

Fora do seio familiar, as mulheres que se encontravam numa relação amorosa escolheram divulgar a génese do seu trabalho, alegando a honestidade como um fator fundamental para uma relação, evitando, ao mesmo tempo, as consequências face à possibilidade de serem descobertas. Uma trabalhadora de rua explicou:

“Um namoro há dois meses, sabe porque fui eu própria a contar. Digo-lhe a ele não quero que a minha família saiba, ele é o único. E eu pronto, acho que... Porque se ele

um dia passar aqui, não vai gostar de ver, não? Então escusa de passar e dizer não me avisastes, não me dissestes. Eu fui sincera. Custou mas fiz. ” [E-4]

Tal como neste estudo, Murphy e colaboradores (2015), na sua amostra, constataram que ninguém, havia tentado esconder a sua profissão dos parceiros íntimos, embora o tivessem feito com os amigos e família. As participantes nessa investigação descreveram como era para elas importante ser honesta com o parceiro e sentirem-se aceites como mulheres e como trabalhadoras sexuais, valorizando a importância dos valores tradicionais nas relações íntimas.

Paralelamente, também perante os amigos, independentemente do grau de proximidade, as trabalhadoras sexuais por nós entrevistadas optaram por não divulgar a sua atividade.

Deste modo, o isolamento social pode ser entendido como uma estratégia desenvolvida pelas trabalhadoras sexuais para se protegerem da estigmatização. Muitas mulheres optam por revelar a sua atividade aos seus conhecidos, muitas não contam à família e amigos que se prostituem e evitam envolver-se numa relação de intimidade durante o período em que prestam serviços sexuais (Bellhouse et al., 2015). Contudo, os estudos demonstram que uma rede social positiva pode ser importante nos processos de saída da prostituição (Hickle, 2016), assim como na redução da estigmatização (Murphy, et al., 2015).

Barreiras de defesa pessoais.

Perante situações susceptíveis de provocarem discriminação, por vezes mesmo com um carácter humilhatório, as trabalhadoras sexuais do contexto de rua relataram (não ouvir) ou ‘desligar’ completamente das ofensas verbais diárias a que eram sujeitas por parte das pessoas. Por exemplo, uma trabalhadora referiu: *“Apago. Tenho dias que tenho de apagar (...) Nem oiço as pessoas sequer [E-8] ”*, enquanto que outra entrevistada mencionou abstrair-se: *“É tentar abstrairmo-nos daquilo que ouvimos e ser-mos nós mesmas. Porque eu sei que dependo deste trabalho para viver. Para ter a minha cabeça bem tenho que abstrair-me*

disso. Não ligar. [E-14]”. As ofensas verbais constituem a tradução comportamental de crenças estigmatizantes, podendo incluir o uso de estereótipos negativos, atitudes preconceituosas e discriminação.

Ainda no contexto de rua, uma trabalhadora sexual revelou que, com o passar do tempo, as ofensas verbais são mais toleráveis: *“Com o tempo, as coisas entram a 100 saem a 1000. Desliga-se do mundo, aliás tem-se que desligar de muita coisa para conseguir fazer este trabalho. [E-11]*”. No estudo de Armstrong (2014a) a violência verbal é percebida pelas trabalhadoras sexuais como um risco pouco problemático. Similarmente a este trabalho, também a maioria das trabalhadoras sexuais de rua por nós entrevistadas percecionava a as ofensas verbais como um mal menor, algo quase normal.

Em contexto de interior, as barreiras de defesa encontradas remetiam sobretudo para o distanciamento emocional face ao cliente no decurso da prestação sexual, sendo que o termo “desligar” foi relatado pelas participantes. Noutras investigações algumas mulheres referem o envolvimento sexual com os clientes como sendo mecânico (Sanders, 2005), enquanto que outras reportam ‘desligarem-se’ dos seus corpos (Oselin & Blasyak, 2013). Também as trabalhadoras sexuais que entrevistámos relataram desligarem-se ou abstraírem-se durante o sexo:

“Eu acho que é a última cartada de uma mulher. Uma mulher não deve fazer isso. (...) Eu penso, graças a deus que terminou, graças a deus ‘Nossa já foi, que pena amor’. Isto aqui é mecânico. (...) A alegria é receber o dinheiro e fechar a porta. Tem que fingir.” [E-5].

Refira-se que estas temáticas não foram exploradas intensivamente durante as entrevistas, não se podendo extrapolar que as trabalhadoras sexuais de rua não recorram estratégias semelhantes às trabalhadoras sexuais de interior durante o envolvimento sexual. Contudo, verificou-se que a maioria das trabalhadoras de rua utilizavam este tipo de medidas

para se prevenirem dos possíveis danos da estigmatização, que, neste caso concreto, traduziam-se em comportamentos de violência verbal e discriminação por parte dos transeuntes.

Racionalizações.

Através das verbalizações das trabalhadoras sexuais foi possível constatar a mobilização de estratégias cognitivas que reenviavam para mecanismos de racionalizações. Neste tipo de estratégia tende a ocorrer uma comparação da prostituição com algo negativo ou positivo, visando o favorecimento do trabalho sexual. A equiparação da prostituição a comportamentos socialmente indesejáveis, como, por exemplo, o roubo, permite às trabalhadoras sexuais enfatizarem o benefício da obtenção de dinheiro através da prestação de serviços sexuais (Wong et al., 2011). Cinco participantes nesta investigação verbalizaram que a prostituição é preferível a roubar:

“A vida de uma mulher que trabalha nisto. Diga-me lá o senhor se preferia que eu fosse roubar? Que educação dava aos meus filhos? Eu tenho de dar comer aos meus filhos. E olha que só de livros este ano paguei para os dois. E ninguém me ajudou. O estado diz-me para ir trabalhar, que tenho um bom cabedal, sabe.” [E-7].

Outras mulheres referiram que a prostituição contribuía para preservação da vida conjugal ou relacional. Uma trabalhadora sexual de interior explicou:

“Às vezes essas ‘casinha’ até ajudam o matrimónio. Essas ‘casinha’ é ruim mas ajudam o matrimónio. O cliente vem ‘Ai a minha esposa acabou de virar nenem, ela tá com o período, ela viajou’. Pagou o dinheirinho, não tem envolvimento, não tem nada e vai para a vida. Se encontrar na rua vira a cara, não conhece e pronto.” [E-5]

Outras trabalhadoras sexuais verbalizaram que a prostituição pode ser fulcral para prestar determinados serviços sexuais. Uma trabalhadora de rua relatou:

“Existe de facto muitos homens que recorrem a nós. Uns porque as mulheres não fazem o que eles querem. Por vezes esses homens também não pedem, preferem pedir à gente. Já tive clientes assim. Já tive clientes que sempre foram às prostitutas e que a única maneira de fazerem sexo é com prostitutas. Esses homens até dão valor aos nossos serviços. Porque conseguem fazer com a gente aquilo que as mulheres não fazem.” [E-16].

Paralelamente, uma prestadora de serviços sexuais de interior relatou que a prostituição pode ser um recurso importante para homens com deficiências, acentuando a função social dos serviços sexuais neste âmbito:

“Nós temos aqui clientes que se for preciso não têm uma perna, e eles coitados já vêm assim um bocado com aquela vergonha. Muitos chegam aqui e olha tou farto de ser corrido de outras casas porque olha, o coiso não é grande. Mas isso para mim... é o que eu lhe digo, é um ser humano e tem necessidades, não dá de uma maneira dá de outra. Brincamos de outra maneira. O que importa é, já que veio até aqui, já que eu me comprometi, porque muitos perguntam logo ao telefone, ‘olha tens complexos de ser assim, assim, assim’. Não. Não vou deixar o cliente chegar aqui, que vem com aquela ansiedade, olha pelo menos uma casa vão-me aceitar. Não vou fazer né? Para mim não tem nada a haver. É um ser humano que tá ali, tem necessidades e eu tou a ajudar, e ele ajuda-me a mim.” [E-1].

Um estudo (Nasir, Zamani, Ismail, Yusooff, & Khairuddin, 2010) demonstrou que as trabalhadoras sexuais apresentavam maior índice de distorções cognitivas possuíam menor autoestima. De acordo com os autores deste trabalho, as atitudes de estigmatização e discriminação provenientes da comunidade podem causar nas trabalhadoras sexuais sentimentos de vergonha, originando assim dissonâncias cognitivas que promovam e potencializam o trabalho sexual como algo aceitável e normal. Estas racionalizações, que

contemplam avaliações morais, permitem às mulheres envolvidas na prostituição desenvolver mecanismos que atenuam os efeitos negativos desta atividade, permitindo continuar no trabalho sexual. Simultaneamente, Sanders (2005) refere que estas racionalizações providenciam às trabalhadoras sexuais um maior controlo emocional.

Considerações Finais

A investigação realizada permitiu constatar que as trabalhadoras sexuais, em contexto de rua e de interior, recorrem a diversas estratégias com o intuito de se protegerem da violência e da estigmatização.

No que concerne às medidas para fazer face à violência, apesar de existirem aspetos comuns, encontrámos diferenças nas estratégias mobilizadas, em função do contexto de exercício da atividade. As trabalhadoras sexuais de rua dispõem de menos tempo para selecionarem os clientes, facto que poderá contribuir para percecionarem este contexto como mais inseguro, comparativamente com o de interior. Refira-se que em ambos os contextos a presença de outras trabalhadoras sexuais foi referida como garantia de maior segurança.

Quanto às estratégias para lidar com a estigmatização, observou-se que estas mulheres fazem uma escolha seletiva das pessoas com quem partilham a sua identidade estigmatizante, demonstrando uma preocupação constante em ocultar a atividade. Verificou-se também que a criação de barreiras de defesa pessoais e o recurso a racionalizações permitem às mulheres atenuar o estigma e continuar no trabalho sexual. Não se verificaram diferenças significativas entre os contextos quanto às estratégias para lidar com a estigmatização.

O que não se conseguiu apurar foi a real eficácia destas estratégias como medidas preventivas da violência, bem como da estigmatização. Outra limitação deste estudo foi o facto de ter recorrido a uma pequena amostra, não representativa da população em estudo. É igualmente importante não esquecer que o trabalho sexual não é exclusivo do género

feminino pelo que a ausência de participantes masculinos também pode ser considerada uma limitação.

Como recomendações futuras, sugere-se o desenvolvimento de estudos com amostras mais amplas, participantes femininos, masculinos e transgênero, bem como subgrupos que prestem serviços sexuais (e.g. população emigrante). Paralelamente seria relevante investigar o grau de eficácia das estratégias utilizadas quer ao nível da violência quer da estigmatização.

Por fim, assume igualmente urgência a implementação de programas de sensibilização para reduzir o estigma associado ao trabalho sexual, assim como, introduzir melhoramentos nos serviços disponíveis a esta população, visando oferecer melhores condições de trabalho e de segurança.

Referências

- Armstrong, L. (2014a). Diverse risks, diverse perpetrators: Perceptions of risk and experiences of violence amongst street-based sex workers in New Zealand. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, 3(3), 40–54. <http://doi.org/10.5204/ijcjsd.v3i3.146>
- Armstrong, L. (2014b). Screening clients in a decriminalised street-based sex industry: Insights into the experiences of New Zealand sex workers. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 47(2), 207–222. <http://doi.org/10.1177/0004865813510921>
- Barnard, M. (1993). Violence and vulnerability: Conditions of work for streetworking prostitutes. *Sociology of Health & Illness*, 15(5), 683–705. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9566.1993.tb00368.x>
- Bellhouse, C., Crebbin, S., Fairley, C. K., & Bilardi, J. E. (2015). The impact of sex work on women's personal romantic relationships and the mental separation of their work and personal lives: A mixed-methods study. *PLoS ONE*, 10(10), 1-20. e0141575 <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0141575>
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Dalla, R. L., Xia, Y., & Kennedy, H. (2003). “You just give them what they want and pray they don't kill you”: Street-level sex workers' reports of victimization, personal resources, and coping strategies. *Violence Against Women*, 9(11), 1367–1394. <http://doi.org/10.1177/1077801203255679>
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldeline.
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. London: Penguin.
- Hickle, K. E. (2016). Resiliency and women exiting sex trade industry work. *Journal of Social Work*, (April), 1–22. <http://doi.org/10.1177/1468017316644692>
- Karamouzian, M., Foroozanfar, Z., Ahmadi, A., Haghdoost, A. A., Vogel, J., & Zolala, F. (2016). How sex work becomes an option: Experiences of female sex workers in Kerman, Iran. *Culture, Health & Sexuality*, 18(1), 58–70. <http://doi.org/10.1080/13691058.2015.1059487>
- Katsulis, Y., Durfee, A., Lopez, V., & Robillard, A. (2014). Predictors of workplace violence among female sex workers in Tijuana, Mexico. *Violence Against Women*, 21(5), 571–597. <http://doi.org/10.1177/1077801214545283>
- Koken, J. A. (2012). Independent female escort's strategies for coping with sex work related stigma. *Sexuality & Culture*, 16(3), 209–229. <http://doi.org/10.1007/s12119-011-9120-3>
- Kontula, A. (2008). The sex worker and her pleasure. *Current Sociology*, 56(4), 605–620. <http://doi.org/10.1177/0011392108090944>
- Li, J. C. M. (2013). Violence against chinese female sex workers in Hong Kong: From understanding to prevention. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 57(5), 613–631. <http://doi.org/10.1177/0306624X12438365>

- Matthews, R. (2015). Female prostitution and victimization: A realist analysis. *International Review of Victimology*, 21(1), 85–100. <http://doi.org/10.1177/0269758014547994>
- Murphy, H., Dunk-West, P., & Chonody, J. (2015). Emotion work and the management of stigma in female sex workers long-term intimate relationships. *Journal of Sociology*, 51(4), 1103–1116. <http://doi.org/10.1177/1440783315614085>
- Nasir, R., Zamani, Z. A., Ismail, R., Yusooff, F., & Khairuddin, R. (2010). Self-esteem and cognitive distortion among women involved in prostitution in Malaysia. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 5(2), 1939–1944. <http://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.07.392>
- Nixon, K., Tutty, L., Downe, P., Gorkoff, K., & Ursel, J. (2002). The everyday occurrence: Violence in the lives of girls exploited through prostitution. *Violence Against Women*, 8(9), 1016–1043. <http://doi.org/10.1177/107780120200800902>
- Okal, J., Chersich, M. F., Tsui, S., Sutherland, E., Temmerman, M., & Luchters, S. (2011). Sexual and physical violence against female sex workers in Kenya: A qualitative enquiry. *AIDS Care*, 23(5), 612–618. <http://doi.org/10.1080/09540121.2010.525605>
- Oliveira, A. (2004). Prostituição, exclusão e violência. Estudo empírico da vitimação sobre prostitutas de rua. *Actas do II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*.
- Oselin, S. S., & Blasyak, A. (2013). Contending with violence: Female prostitutes' strategic responses on the streets. *Deviant Behavior*, 34(4), 274–290. <http://doi.org/10.1080/01639625.2012.735896>
- Popoola, B. I. (2013). Occupational hazards and coping strategies of sex workers in southwestern Nigeria. *Health Care for Women International*, 34(2), 139–149. <http://doi.org/10.1080/07399332.2011.646366>
- Reid, J., & Piquero, A. (2014). On the relationships between commercial sexual exploitation/prostitution, substance dependency, and delinquency in youthful offenders. *Child Maltreatment*, 19(3–4), 247–260. <http://doi.org/10.1177/1077559514539752>
- Sanders, T. (2004a). A continuum of risk? The management of health, physical and emotional risks by female sex workers. *Sociology of Health and Illness*, 26(5), 557–574. <http://doi.org/10.1111/j.0141-9889.2004.00405.x>

Conclusão Geral

O fenómeno da violência contra trabalhadoras sexuais tem-se revelado como um tópico que tem vindo a ganhar mais relevo por parte da comunidade científica, ainda que a maioria das investigações realizadas se centrem maioritariamente na caracterização de violência por parte de clientes (e.g. Farley, et al., 2003; Raphael & Shapiro, 2004). Love (2015) refere que apesar da literatura científica sobre a saúde mental das trabalhadoras do sexo e as experiências de vitimização ser vasta, a pesquisa e investigação sobre estratégias de coping é escassa. Segundo a autora, a falta de investigação na área das estratégias de coping, promove estigma, marginalização e opressão contra as trabalhadoras sexuais. Nesse sentido esta dissertação pretendeu, através de um estudo qualitativo, compreender as experiências de vitimização, bem como as estratégias de proteção utilizadas, por parte das trabalhadoras sexuais.

Através do primeiro artigo, constatou-se que as trabalhadoras sexuais de rua, comparativamente às de interior, eram mais suscetíveis de experienciar violência física por parte de clientes, assim como vários tipos de comportamentos discriminatórios e violentos por parte da população geral, nomeadamente agressões físicas, insultos verbais e arremesso de objetos. Nota ainda para as dinâmicas entre trabalhadoras sexuais podendo resultar em comportamentos violentos, designadamente a expulsão com recurso à violência de um local de solicitação de serviços sexuais.

Quanto ao segundo artigo, verificou-se que as estratégias mobilizadas para fazer face à violência variavam em função do contexto de exercício da atividade. As trabalhadoras sexuais de rua disponham de menos tempo para selecionarem os clientes, facto que poderá contribuir para percecionarem este contexto como mais inseguro, comparativamente com o de interior. Refira-se ainda, que em ambos os contextos a presença de outras trabalhadoras sexuais foi referida como garantia de maior segurança.

Relativamente às estratégias para lidar com a estigmatização, não se verificou diferenças significativas entre os contextos. Ainda assim, observou-se que as trabalhadoras sexuais realizavam uma escolha seletiva das pessoas com quem partilhavam a sua identidade estigmatizante, demonstrando uma preocupação constante em ocultar a atividade. Simultaneamente, verificou-se a utilização de várias estratégias com o propósito de atenuar o estigma e continuar no trabalho sexual.

Devido à vasta diversidade e frequência de comportamentos violentos no contexto do trabalho sexual justifica-se a necessidade de se desenvolverem mais estudos nesta área, no sentido de entender a realidade portuguesa e, eventualmente, introduzir melhoramentos nos serviços disponíveis a esta população, de forma a acautelar as necessidades das trabalhadoras sexuais.

Referências

- Armstrong, L. (2014). Screening clients in a decriminalised street-based sex industry: Insights into the experiences of New Zealand sex workers. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 47(2), 207–222. <http://doi.org/10.1177/0004865813510921>
- Church, S. (2001). Violence by clients towards female prostitutes in different work settings: Questionnaire survey. *BMJ*, 322(7285), 524–525. <http://doi.org/10.1136/bmj.322.7285.524>
- Dalla, R. L., Xia, Y., & Kennedy, H. (2003). “You just give them what they want and pray they don’t kill you”: Street-level sex workers’ reports of victimization, personal resources, and coping strategies. *Violence Against Women*, 9(11), 1367–1394. <http://doi.org/10.1177/1077801203255679>
- Farley, M., Cotton, A., Lynne, J., Zumbek, S., Spiwak, F., Reyes, M. E., & Al., E. (2003). Prostitution and trafficking in nine countries: An update on violence and posttraumatic stress disorder. In M. Farley (Eds.), *Prostitution, trafficking, and traumatic stress* (pp. 33–74). Binghamton, NY: The Haworth Maltreatment & Trauma Press.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldeline.
- Kontula, A. (2008). The sex worker and her pleasure. *Current Sociology*, 56(4), 605–620. <http://doi.org/10.1177/0011392108090944>
- Love, R. (2015). Street level prostitution: A systematic literature review. *Issues in Mental Health Nursing*, 36(8), 568–577. <http://doi.org/10.3109/01612840.2015.1020462>
- Miller, C. (2005). Social Psychological Perspectives on Coping with Stressors Related to Stigma. In S. Levin & C. Van Laar (Eds.), *Stigma and group inequality: Social psychological perspectives* (pp. 21–45). New Jersey: Routledge.
- Monto, M. (2004). Female prostitution, customers, and violence. *Violence Against Women*, 10(2), 160–188. <http://doi.org/10.1177/1077801203260948>
- Oliveira, A. (2011). *Andar na vida: Prostituição de rua e reacção social*. Coimbra: Almedina.
- Oselin, S. S., & Blasyak, A. (2013). Contending with violence: Female prostitutes’ strategic responses on the streets. *Deviant Behavior*, 34(4), 274–290. <http://doi.org/10.1080/01639625.2012.735896>
- Phipps, A. (2013). Violence against sex workers in the UK. In N. Lombard & L. McMillan (Eds.), *Violence against women: Current theory and practice in domestic abuse, sexual violence and exploitation* (pp. 87- 102). London: Jessica Kingley Publishers.
- Raphael, J., & Shapiro, D. L. (2004). Violence in indoor and outdoor prostitution venues. *Violence Against Women*, 10(2), 126–139. <http://doi.org/10.1177/1077801203260529>
- Sanders, T. (2005). *Sex work. A risky business*. Devon: Willan Publishing.
- Sallmann, J. (2010). Living with stigma: Women’s experiences of prostitution and substance use. *Affilia*, 25(2), 146–159. <http://doi.org/10.1177/0886109910364362>

- Schouten, M. (2010). Imagens e auto-imagens de trabalhadoras sexuais. In M. Silva & F. Ribeiro (Org.), *Mulheres da vida: Prostituição, estado e políticas* (pp. 85–89). Famalicão: Edições Humus.
- Whitaker, T., Ryan, P., & Cox, G. (2011). Stigmatization among drug-using sex workers accessing support services in Dublin. *Qualitative Health Research*, *21*(8), 1086–1100. <http://doi.org/10.1177/1049732311404031>
- Whittaker, D., & Hart, G. (1996). Research note: Managing risks: The social organisation of indoor sex work. *Sociology of Health and Illness*, *18*(3), 399–414. <http://doi.org/10.1111/1467-9566.ep10934742>

Anexos

Anexo A
Entrevista Semiestructurada

Guião de Entrevista - Vitimação em Trabalhadoras Sexuais

Rolo, Cardoso & Sani (2016) *_Versão para investigação*

1. Dados Sociodemográficos

- 1.1. Idade
- 1.2. Estado Civil
- 1.3. Grau de escolaridade
- 1.4. Naturalidade (País /Distrito/Região)

2. Dados relativos ao exercício de atividade como trabalhadora sexual

- 2.1. Com que idade prestou serviços sexuais pela primeira vez?
- 2.2. Ainda presta esses serviços sexuais ou interrompeu por algum motivo?
 - 2.2.1. (Se interrompeu) Pode expor o que a motivou a fazê-lo?
- 2.3. Quem é conhecedor(a) da sua atividade (agregado familiar/outros significativos)?
 - 2.3.1. (Se houver menção a alguém) Pode descrever como foi essa conversa?

3. Dados relativos à violência e vitimação sofridas

- 3.1. O que pensa da violência praticada contra as trabalhadoras do sexo?
- 3.2. Pode dar uma ideia dos comportamentos que para si são considerados violência?
- 3.3. Já alguma vez foi alvo de violência no decurso do trabalho sexual?
 - 3.3.1. (Em caso afirmativo) Pode descrever-nos a situação?
 - 3.3.2. Qual o acontecimento em que experienciou um grau de ameaça maior?
- 3.4. Que tipo de medidas toma para tentar garantir a sua segurança?
- 3.5. Prévio ao exercício da sua atividade como trabalhadora sexual reconhece alguma experiência de violência na sua vida?

4. Dados relativos a crenças e atitudes relativas ao trabalho sexual

- 4.1. Qual a sua opinião sobre a prestação de serviços sexuais?
- 4.2. De que modo o exercício de trabalho sexual influenciou a sua perspetiva sobre a prestação de serviços sexuais?
- 4.3. Como descreve o sentimento que possui relativamente ao trabalho sexual que exerce?
- 4.4. Como descreve o sentimento que os outros (população em geral) têm vulgarmente em relação ao trabalho sexual que exerce?
- 4.5. Como se lida com a violência social (estigmatização) quanto a este tipo de trabalho?
- 4.6. Quais são os seus desejos e objetivos para o futuro?
- 4.7. Há mais alguma coisa que ache que deveria partilhar nesta entrevista sobre o assunto abordado ou sobre si?
- 4.8. Há alguma questão que gostaria de me colocar?

Obrigado pela sua colaboração

Anexo B
Consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

“Violência contra trabalhadoras sexuais”

Eu _____ compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, cujo objetivo é caracterizar as representações de violência sofrida pelas trabalhadoras sexuais, considerando os significados atribuídos à mesma, os tipos de violência e a sua frequência, estudo em que serei incluído.

Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Será realizada uma entrevista cujo tempo médio estimado de realização é de 20 minutos e aplicado um breve questionário de cujo preenchimento se estima em 10 minutos. Além disso, foi-me afirmado que terei o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte digital (sonoro) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do participante no projeto: _____

O Investigador responsável:

Nome:

Assinatura:

